

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS**

VANESSA DE ALMEIDA SANTIAGO

**“EU NÃO FALO ASSIM”:
PRODUÇÃO E PERCEPÇÃO SOCIOLINGUÍSTICAS
DE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO**

ITABAIANA/SE

2017

VANESSA DE ALMEIDA SANTIAGO

**“EU NÃO FALO ASSIM”:
PRODUÇÃO E PERCEPÇÃO SOCIOLINGUÍSTICAS
DE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras da Universidade Federal de Sergipe, Campus Prof. Alberto Carvalho, como requisito à obtenção do título de graduado em Letras.

Orientadora: Ma. Andréia Silva Araujo

ITABAIANA/SE

2017

VANESSA DE ALMEIDA SANTIAGO

**“EU NÃO FALO ASSIM”:
PRODUÇÃO E PERCEPÇÃO SOCIOLINGUÍSTICAS
DE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Letras da
Universidade Federal de Sergipe,
Campus Prof. Alberto Carvalho, como
requisito à obtenção do título de
graduado em Letras.

Trabalho aprovado em: 03/05/2017

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ma. Andréia Silva Araujo - UFS
Universidade Federal de Sergipe
Presidente - Orientadora

Profa. Ma. Eccia Alécia Barreto de Jesus – CODAP/UFS
Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe
Examinadora - Externa

A Deus. Aos meus avós paternos (*in memoriam*), em especial, aos maternos (*in memoriam*), Maria do Carmo e Antônio Roberto, que nunca deixaram de me amar. À minha amada mãe, Rosa, que sempre acreditou em mim. Dedico.

AGRADECIMENTOS

Sempre e primeiramente a Deus, a quem devo a vida e o que hoje sou, pois somente Ele sabe quem realmente somos e o porquê estamos. Agradeço também aos meus avós (os que também estão na dedicatória). A minha mãe que tanto amo e admiro, sobretudo por seus inúmeros gestos de generosidade. Ao meu querido irmão, Alexandre. Às minhas tias e tios, sobretudo, a Viviane, que me acolheu como filha. Agradeço aos meus sogros, Helena e Luis, os quais me acolheram com tanto carinho. Aos meus cunhados que tanto admiro, Danilo e Daniela. Um especial agradecimento aos amigos que o Curso me proporcionou: Carla Anita, Clécio, Marta e Marilene. Assim como outros, Kamilla, Marcia, Edeilson e Mayara.

À minha querida, dedicada e compreensiva orientadora, Andréia Araujo, a quem tanto estimo. Obrigada por tudo. Aos professores que fizeram parte desta minha jornada, sobretudo, Marcia e Jeane, que me apresentaram o PIBID com seus temas tão importantes para a sociedade e que foi o ponto de partida para este trabalho, pois conheci melhor o preconceito e suas faces a partir do trabalho desenvolvido nesse projeto que envolvia a Lei 10.639/03 e a Lei Maria da Penha, ambos trabalham com preconceito, um racial e o outro de gênero.

Para finalizar, agradeço ao meu amado esposo, Dênisson, homem generoso, trabalhador e honesto, quem muito me incentivou a estudar, a pensar na vida a partir de outro ponto de vista o qual eu não conhecia e com quem desejo, com toda força do querer e se Deus permitir, construir uma família. Todos aqui mencionados, de fato, são importantes para a minha vida.

“Erro” é um falso conceito estritamente sociocultural decorrente dos preconceitos que a
minoría privilegiada lança sobre todas as outras classes sociais.
(Bortoni-Ricardo, 2009)

RESUMO

A língua passa por constantes transformações em virtude da sua dinamicidade e heterogeneidade. No português brasileiro, é possível constatar vários fenômenos linguísticos, tais como: rotacismo, caracterizado pela troca do /l/ pelo /r/, o qual geralmente ocorre nos grupos CCV (consoante-consoante-vogal), como em bicicleta<bicicreta; monotongação que consiste na redução de ditongos, por exemplo, /ei/ e /ou/, como em peixe<peixe e otono<outono; assimilação da oclusiva /d/ no morfema de gerúndio, como em cantano<cantando; e a vocalização da lateral palatal (yeísmo), ou seja, o /lh/ é transformado no /y/ que tem o som de vogal, como em muié<mulher e paia<palha. Neste trabalho, objetivamos analisar a produção e a percepção sociolinguística de estudantes do 6º e 9º ano do fundamental maior e do 3º ano do ensino médio, pertencentes à cidade de Itabaiana/SE, quanto aos fenômenos fonológicos mencionados. Para tanto, a coleta foi realizada a partir de dois direcionais, a saber: realização do ditado mudo, por meio da leitura de imagens, que possibilitam a ocorrência das variantes no momento da pronúncia e, assim, obtermos os dados de fala; e audição de contextos com os fenômenos linguísticos e posterior resolução de questionário para aferir a percepção dos informantes a estes. Como respaldo teórico, a presente pesquisa é desenvolvida à luz da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006; LABOV, 2008). Os resultados evidenciaram, em termos gerais, que, na produção linguística, os alunos tendem a utilizar menos os fenômenos com forte estigma social e mais os fenômenos com baixo estigma social, seguindo o contínuo a seguir, o qual vai do mais estigmatizado ao menos estigmatizado: **rotacismo ~ yeísmo ~ assimilação da oclusiva /d/ no morfema de gerúndio ~ monotongação**. Um resultado semelhante a este ocorreu com a análise da percepção dos fenômenos controlados: os alunos possuem uma visão negativa dos fenômenos mais perceptíveis e uma visão mais positiva dos fenômenos menos perceptíveis. Sendo assim, os resultados referentes à produção e à percepção sociolinguística dos alunos se aproximam, evidenciando, dessa forma, o seu significado social na comunidade analisada.

Palavras-chave: Sociolinguística. Variação. Percepção.

LISTA DE FIGURAS, GRÁFICOS E TABELAS

Figura 1: Localização de Itabaiana no mapa de Sergipe	26
Gráfico 1: Distribuição das ocorrências quanto ao fator localidade.....	32
Gráfico 2: Distribuição das ocorrências quanto ao fator escolaridade	32
Gráfico 3: Distribuição das ocorrências quanto ao fator sexo.....	32
Gráfico 4: Distribuição das ocorrências quanto ao fator localidade.....	33
Gráfico 5: Distribuição das ocorrências quanto ao fator escolaridade	34
Gráfico 6: Distribuição das ocorrências quanto ao fator sexo.....	34
Gráfico 7: Distribuição das ocorrências quanto ao fator localidade.....	35
Gráfico 8: Distribuição das ocorrências quanto ao fator localidade.....	37
Gráfico 9: Distribuição geral dos fenômenos na amostra analisada.....	39
Gráfico 10: Percepção dos alunos do 6º ano quanto à escolaridade do falante.....	42
Gráfico 11: Percepção dos alunos do 9º ano quanto à escolaridade do falante.....	43
Gráfico 12: Percepção dos alunos do 3º ano do ensino médio quanto à escolaridade do falante	43
Gráfico 13: Percepção dos alunos do 6º ano quanto à formalidade do falante	44
Gráfico 14: Percepção dos alunos do 9º ano quanto à formalidade do falante	45
Gráfico 15: Percepção dos alunos do 3º ano do ensino médio quanto à formalidade do falante	45
Gráfico 16: Percepção dos alunos do 6º ano quanto à avaliação da “inteligência” do falante	46
Gráfico 17: Percepção dos alunos do 9º ano quanto à avaliação da “inteligência” do falante	47
Gráfico 18: Percepção dos alunos do 3º ano do ensino médio quanto à avaliação da “inteligência” do falante	47
Gráfico 19: Percepção dos alunos do 6º ano quanto à semelhança entre as falas	48
Gráfico 20: Percepção dos alunos do 9º ano quanto à semelhança entre as falas	49
Gráfico 21: Percepção dos alunos do 3º ano do ensino médio quanto à semelhança entre as falas.....	49
Gráfico 22: Percepção dos alunos do 6º ano quanto à proximidade	50
Gráfico 23: Percepção dos alunos do 9º ano quanto à proximidade	50
Gráfico 24: Percepção dos alunos do 3º ano do ensino médio quanto à proximidade	50
Gráfico 25: Percepção dos alunos do 6º ano quanto à identificação da “melhor” sentença ...	52
Gráfico 26: Percepção dos alunos do 9º ano quanto à identificação da “melhor” sentença ...	52
Gráfico 27: Percepção dos alunos do 3º ano do ensino médio quanto à identificação da “melhor” sentença.....	52
Gráfico 28: Percepção dos alunos do 6º ano quanto à identificação da “melhor” sentença escrita.....	53
Gráfico 29: Percepção dos alunos do 9º ano quanto à identificação da “melhor” sentença escrita.....	53
Gráfico 30: Percepção dos alunos do 3º ano do ensino médio quanto à identificação da “melhor” sentença escrita	53
Tabela 1: Atuação do fator escolaridade quanto ao uso da monotongação em função da forma não padrão.....	36
Tabela 2: Atuação do fator sexo quanto ao uso do monotongação em função da forma não padrão	36
Tabela 3: Atuação do fator escolaridade quanto à supressão da oclusiva /d/ na produção de gerúndio.....	38
Tabela 4: Atuação do fator sexo quanto à supressão do /d/ no gerúndio	38

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E PERCEPÇÃO SOCIOLINGUÍSTICAS.....	12
1.1 LÍNGUA, SOCIEDADE E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA.....	12
1.2 A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA.....	14
1.3 O VALOR SOCIAL DAS VARIEDADES LINGUÍSTICAS: PRESTÍGIO X ESTIGMAÇÃO ..	16
1.4 PERCEPÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA: O QUE É?	19
1.5 OS FENÔMENOS LINGUÍSTICOS EM ESTUDO: DEFINIÇÃO, ABORDAGEM DAS GRAMÁTICAS E ESTUDOS REALIZADOS.....	20
1.5.1 O fenômeno linguístico rotacismo.....	21
1.5.2 O fenômeno linguístico yeísmo.....	23
1.5.3 O fenômeno linguístico assimilação da oclusiva /d/ no morfema de gerúndio.....	23
1.5.4 O fenômeno linguístico monotongação.....	24
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: O CAMINHO SEGUIDO	26
2.1 UNIVERSO DA PESQUISA.....	26
2.2 CONSTITUIÇÃO DO BANCO DE DADOS.....	27
2.3 VARIÁVEIS CONTROLADAS, NATUREZA DA ANÁLISE E TRATAMENTO DOS DADOS	29
3 PRODUÇÃO E PERCEPÇÃO SOCIOLINGUÍSTICAS: RESULTADOS E DISCUSSÃO..	30
3.1 RESULTADOS CONCERNENTES À ANÁLISE DA PRODUÇÃO LINGUÍSTICA DOS INFORMANTES.....	30
3.1.1 O fenômeno rotacismo	31
3.1.2 O fenômeno yeísmo	32
3.1.3 O fenômeno da monotongação	35
3.1.4 O fenômeno de supressão da oclusiva /d/ na produção do gerúndio	37
3.1.5 Correlação entre os fenômenos na amostra analisada.....	39
3.2 PERCEPÇÃO LINGUÍSTICA E OS FENÔMENOS ESTUDADOS	40
3.2.1 Percepção auditiva dos fenômenos pelos alunos.....	40
3.2.1.1 Percepção dos alunos quanto à escolaridade do falante	42
3.2.1.2 Percepção dos alunos quanto à formalidade do falante.....	44
3.2.1.3 Percepção dos alunos quanto à avaliação da “inteligência” do falante	46
3.2.1.4 Percepção dos alunos quanto à semelhança entre as falas	48
3.2.1.5 Percepção dos alunos quanto à sentença que se aproxima da sua forma de falar	50
3.2.2 Percepção dos alunos quanto à identificação da “melhor” sentença através da audição e da escrita	51
3.2.2.1 Percepção auditiva dos alunos quanto à identificação da “melhor” sentença	52
3.2.2.2 Percepção dos alunos quanto à identificação da “melhor” sentença na escrita.....	53
3.3 CORRELAÇÃO ENTRE PRODUÇÃO E PERCEPÇÃO	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	57
ANEXOS	60
ANEXO A – IMAGENS UTILIZADAS PARA A REALIZAÇÃO DO DITADO MUDO	61
APÊNDICES.....	62
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PERCEPÇÃO AUDITIVA.....	63
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO PERCEPÇÃO DA ESCRITA.....	64

INTRODUÇÃO

Tudo que é vivo se transforma e/ou vive em constante variação. Ora temos uma opinião em relação a uma determinada situação, ora temos outra diante desta mesma condição. Então, assim como nós somos seres inconstantes e em constante transformação, a língua também passa por processos que são necessários para adaptar-se aos falantes, em um determinado tempo e situação comunicativa. A língua, portanto, é heterogênea, não existe uma única maneira de falar, o que existe são diferentes formas de dizer uma mesma coisa, até porque quem a fala são indivíduos únicos, pertencentes, às vezes, a comunidades linguísticas diferentes, a culturas variadas (Cf. LABOV, 2008). Então, como a língua seria homogênea se ela é concretizada e compartilhada por pessoas que estão a todo o momento se relacionando e trocando experiências?! De acordo com Bortoni-Ricardo (2009, p. 78), “a língua é um fenômeno social, cujo uso é regido por normas culturais, além de ter domínio das regras internas da língua, os falantes têm de usá-la de forma adequada à situação de fala”. Logo, não se pode falar de língua sem levar em consideração seus falantes e a sociedade.

No momento em que entramos em contato com o outro, entramos também em contato com outro mundo, outra cultura. A esse respeito, Tarallo (1985, p. 5) afirma que “A reação humana frente ao caos, seja ele de que natureza for, é de ansiedade”. Na verdade, tudo que é diferente nos causa um estranhamento e a reação das pessoas, em relação a isso, é de aversão ou de aceitação. Posto isso, da mesma forma que encontramos pessoas que demonstram preconceito racial, de gênero, religioso, dentre outros, também é identificado o preconceito em relação à variação linguística, algo que é inerente a uma comunidade de fala. Em outras palavras, não temos como evitar que essas variantes aconteçam, pois elas surgem naturalmente e, mesmo existindo pessoas que acreditam que as variantes “não padrão” (as que fogem do “padrão” que a classe social de maior poder aquisitivo estabeleceu) são erros, elas têm lógica e explicação científica, diferentemente, do preconceito que não tem respaldo. Consequentemente, a partir de tais preconceitos, as variações são tidas como “erro” perante a sociedade e não como “diferenças”, que são tão naturais e comuns às diversas línguas. Essa ideologia do erro, do “certo x errado”, do “bonito x feio”, foi-nos imposta pela classe dominante, que por sinal é a minoria (se comparada às outras classes de menor poder econômico), mas que, no entanto, tem acesso a tudo: melhor qualidade na educação, saúde, segurança e etc.

As pessoas se comunicam através da linguagem e é a partir dessa relação com o outro que nos reconhecemos como sujeitos dentro de uma sociedade, na qual atuamos em diferentes situações comunicativas, sejam elas orais ou escritas. No português brasileiro, é possível constatar vários fenômenos linguísticos, tais como: rotacismo, caracterizado pela troca do /l/ pelo /r/, o qual geralmente ocorre nos grupos CCV (consoante-consoante-vogal), como em “bicicreta”, “praca”, “brusa”; monotongação que é a redução de ditongos, por exemplo, /ei/ e /ou/, como em pexe<peixe e otono<outono; a supressão do /d/ nos gerúndios, como em cantano<cantando; e a vocalização da lateral palatal (yeísmo), ou seja, o /lh/ é transformado no /y/ que tem o som de vogal, como em muié<mulher e paia<palha. Vários estudiosos no país já pesquisaram sobre a variação dos fenômenos linguísticos elencados, no entanto poucos investigaram a avaliação subjetiva (percepção) dos falantes quanto aos usos dos fenômenos. Diante de tal constatação, surgiram-nos os seguintes questionamentos: *i)* quais dos fenômenos controlados os alunos produzem mais? *ii)* será que a ocorrência dos fenômenos em questão é condicionada pelos fatores: sexo, escolaridade e localidade (rural ou urbana)? *iii)* quais as percepções sociolinguísticas de estudantes do 6º e 9º ano do ensino fundamental maior e 3º ano do ensino médio, pertencentes à cidade de Itabaiana/SE, quanto aos fenômenos rotacismo, yeísmo, monotongação e assimilação da oclusiva /d/ no morfema de gerúndio? *iv)* Será que esta percepção modifica com o aumento do nível de escolaridade?

A fim de contribuir para as discussões dessas problemáticas, objetivamos investigar a produção e a percepção sociolinguística de estudantes do 6º e 9º ano do fundamental maior e 3º ano do ensino médio, pertencentes à cidade de Itabaiana/SE, quanto aos fenômenos fonológicos rotacismo, yeísmo, monotongação e assimilação da oclusiva /d/ no morfema de gerúndio. A hipótese geral que norteia o presente estudo é a de quanto mais estigmatizado for o fenômeno menos ele será produzido e, conseqüentemente, mais perceptível pelo falante. Além disso, acreditamos que a produção e a percepção sociolinguística dos fenômenos são condicionadas, principalmente, pelo fator escolaridade, pelo fato de a escola barrar a propagação destes. Para constatar se as hipóteses são verdadeiras ou não, fez-se necessário constituir um corpus de dados para o desenvolvimento da análise. A coleta foi realizada a partir de dois direcionais, a saber: realização do ditado mudo através da leitura de imagens (Cf. Anexo A) que possibilitam a ocorrência das variantes no momento da pronúncia e, assim, obtermos os dados de fala; e audição de contextos com os fenômenos linguísticos e posterior resolução de questionário (Cf. Apêndices A e B) para aferir a percepção dos informantes a estes. Como respaldo teórico, a presente pesquisa é desenvolvida à luz da Sociolinguística

Variacionista (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006; LABOV, 2008). Desenvolver um estudo nesse âmbito nos permitirá verificar quais fenômenos linguísticos são estigmatizados e quais não são na comunidade analisada

Para encaminhamento da análise, organizamos textualmente o presente trabalho em três capítulos.

O primeiro capítulo, **Pressupostos teóricos: variação linguística e percepção sociolinguísticas**, é destinado a explanação dos aportes teóricos que respaldam a pesquisa. Primeiramente, apresentamos uma visão geral sobre a relação existente entre língua, sociedade e variação linguística. A seção seguinte aborda os principais aspectos da Sociolinguística Variacionista. Na sequência, respectivamente, discutimos sobre o valor social das variedades linguísticas e sobre a noção de percepção sociolinguística. Por fim, delineamos sobre cada fenômeno linguístico focalizado neste estudo.

Quanto ao segundo capítulo, **Procedimentos metodológicos: o caminho seguido**, expomos os procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento desta pesquisa. Apresentamos uma descrição geral da cidade de Itabaiana/SE e do colégio público escolhido para a realização da coleta de dados, bem como o procedimento seguido para constituir o corpus, as variáveis extralinguísticas controladas e a natureza da análise.

No capítulo, **Produção e percepção sociolinguísticas, resultados e discussão**, analisamos e discutimos os resultados estatísticos obtidos através da aplicação de dois instrumentos de coleta para a constituição do nosso banco de dados, conforme descrito no capítulo 2. Para uma melhor apresentação dos resultados, dividimos este capítulo em três seções, as quais foram subdivididas. A primeira seção elenca os resultados relativos à análise dos dados da produção linguística dos informantes, os quais obtivemos a partir da aplicação do ditado mudo (leitura através de estímulo visual) e a segunda apresenta os resultados alcançados por meio da análise das respostas obtidas com a aplicação do questionário para verificar a percepção dos informantes quanto aos fenômenos do rotacismo, monotongação, yeísmo e supressão da oclusiva/d/ na produção do gerúndio. Em seguida, feita uma correlação geral entre os resultados de produção e percepção sociolinguística.

Por fim, tecemos as nossas **considerações finais** retomando sumariamente o que fora abordado em cada capítulo.

Realizada a explanação dos direcionais do presente estudo, convidamo-los a fazer a leitura do texto.

1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E PERCEPÇÃO SOCIOLINGUÍSTICAS

Não é de hoje que a sociedade é dividida em grupos, sejam eles sociais, étnicos, enfim, separações essas que dão prestígios a uns e deixam outros a margem. Nesta sociedade estratificada, os seres humanos são classificados por sua cor de pele, opção religiosa e sexual, por ser pobre ou rico, ter isso ou aquilo, e, por incrível que pareça, pelo seu comportamento linguístico, ou seja, pelo seu uso linguístico, conforme ressalta Bortoni-Ricardo (2005). Posto isso, além de todo preconceito e discriminação que os indivíduos sofrem, eles também são vistos e tratados como inferiores por falar de maneira espontânea, por usar uma das variedades de sua língua, pelo simples fato de não estar falando de acordo com o “padrão” imposto pela sociedade, por uma pequena parcela da população brasileira que erroneamente confunde língua com gramática normativa, perpetuando desta maneira o preconceito linguístico e a discriminação social, como bem discute Bagno (2009a).

Neste capítulo, tratamos dos fenômenos fonológicos selecionados para o presente estudo - rotacismo, yeísmo, monotongação e apagamento da oclusiva /d/ no morfema de gerúndio - e da percepção de alunos do ensino fundamental maior e ensino médio sobre as variantes linguísticas, que perante a alta sociedade são vistas como “não padrão” e “deturpadoras” da nossa língua. Para uma melhor explanação, dividimos o capítulo em cinco seções. Começamos a nossa explanação teórica discutindo a relação entre língua, sociedade e a variedade linguística. Na sequência, expomos, de forma geral, os principais pontos da teoria Sociolinguística Variacionista. Em seguida, na seção 1.3, delineamos sobre os valores sociais agregados às variantes. Na seção 1.4, apresentamos noções gerais sobre percepções sociolinguísticas. Por fim, apresentamos uma visão geral sobre cada fenômeno estudado, fazendo uma correlação com a abordagem dada a estes nos compêndios gramaticais e aos estudos linguísticos já realizados.

1.1 LÍNGUA, SOCIEDADE E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

“Qualquer língua é representada por um conjunto de variedades” (ALKMIM, 2012, p. 33). Começar este capítulo com essa citação é propor ao leitor uma indagação sobre,

primeiramente, a palavra “variedade” no seu mais comum significado, que é a diversidade, a multiplicidade, como, por exemplo, a variedade de uma espécie. Não há algo mais perfeito do que a diversidade humana, cada pessoa com suas características específicas que lhes distingue um do outro. Mas, afinal, o que isso tem a ver com a língua e a sociedade? Tudo. Somos nós, com nossas características distintas, que formamos uma sociedade e o mais genial ainda é que essas mesmas pessoas, com todas essas diferenças, são quem dão vida ao processo de comunicação e que juntas, de certa forma, criam uma língua, um idioma. Porém, o que a variedade tem a ver com essas duas noções (língua e sociedade)? E a resposta é “tudo”, novamente, pois se somos diferentes na igualdade de sermos seres humanos, como é que a nossa língua não haveria de ter também suas variedades?! Não teria como. Os tempos mudam e as pessoas seguem esse caminho natural da vida: mudanças, adaptações, adequações.

Vejamos alguns conceitos de língua, segundo alguns teóricos da área da Linguística, que reconhecem a língua como heterogênea. No artigo intitulado “Sociolinguística”, publicado no Manual de Linguística, Cezario e Votre (2011, p. 141) dizem que “a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independentemente do contexto social, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação”. Assim, já que a língua é reconhecida socialmente, ela não pode ser estudada ou analisada sem levar em consideração o contexto social e as pessoas envolvidas no processo de comunicação, pois não podemos separar a língua (instituição social) do indivíduo.

Para Labov (2008), a língua é uma forma de comportamento social, ou seja, a língua é o meio pelo qual nos comunicamos, sempre dentro de algum contexto social. Segundo Bagno (2009b, p. 42):

A língua é uma instituição social, parte integrante da vida em sociedade, por isso as mudanças que ocorrem na língua resultam da ação coletiva de seus falantes, uma ação impulsionada pelas necessidades que esses falantes sentem de se comunicar melhor, de dar mais precisão ao que querem dizer, de enriquecer as palavras já existentes com novos sentidos (principalmente os sentidos figurados, metafóricos), de criar novas palavras para dar uma ideia mais precisa de seus desejos de interação, de modificar as regras gramaticais da língua para que novos modos de pensar e de sentir, novos modos de interpretar a realidade sejam expressos por novos modos de dizer.

Nestas palavras de Bagno (2009b), afirmação também já feita por Labov na década de 1960/1970, é abordada a noção de língua como uma instituição social, heterogênea e que sofre mudanças, ou seja, a língua não é estática, ela passa por transformações porque nós nos transformamos também e buscamos sempre algo que se adeque a nós, que melhor se encaixe

na nossa realidade, na melhor maneira de nos expressar, respeitando as peculiaridades de cada pessoa, de cada cultura, enfim, de cada grupo social.

Macaxeira/aipim, pão francês/pão de sal, geladinho/flau, frauta/flauta, fruita/fruta, peixe/peixe, mulher/muyé são, simplesmente, modos diferentes de dizer ou de se referir a uma mesma coisa. Isso acontece por influência dos fatores de mudanças linguísticas, ou seja, ocorre diferença na pronúncia em virtude da região geográfica do falante, da idade, da situação comunicativa, da classe social, entre outros. Entretanto, a sociedade, de uma forma geral, acredita que falar “certo e bonito” é falar de acordo com a norma padrão, esquecendo-se que essa norma é apenas mais uma variante da nossa língua, uma variante que é importante usar para falar formalmente e escrever, já que toda língua precisa estabelecer um padrão. É exatamente por esse falta de informação e de uma questão cultural que existe o preconceito linguístico, porque as pessoas foram ensinadas a acreditar que diferença é “deficiência”. É partindo das diferenças, ou melhor, das variedades, que Sociolinguística investiga e analisa o seu objeto de estudo, a língua, em seu uso real, levando em consideração todas essas diferenças. Na seção a seguir, discorreremos sobre esse ramo da Linguística.

1.2 A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

A sociolinguística, de acordo com Alkmim (2012, p. 31), ocupa-se em observar, descrever e analisar a língua em uso, ou seja, nas situações reais de uso. A vertente Sociolinguística Variacionista surgiu com Willian Labov, em 1964, a partir da sua “Teoria da Variação”. A análise linguística, nesses termos, é voltada para a relação entre língua, cultura e sociedade (GOMES, 2008, p. 33), diferentemente do que o linguista Saussure acreditava, pois para este a língua era um sistema abstrato, homogêneo e autônomo, não que ele excluísse a interferência social, mas a separava da língua e esta da fala. A sociolinguística trabalha, portanto, com a diversidade linguística, com as variações que são inerentes a qualquer língua. Desse modo, essa teoria reconhece que as línguas são formadas por variações, sendo essas variedades o objeto de seus estudos, analisando e explicando o porquê da ocorrência de cada fenômeno. Para compreender melhor o que são variantes e variedades linguísticas, trazemos as seguintes palavras de Tarallo (1985, p. 8): “variantes linguísticas” são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de “variável linguística”. Exemplificando,

temos como uma variável linguística a expressão dos verbos nos gerúndios, a qual pode ser realizada por duas variantes linguísticas, a saber: a variante que subtrai a oclusiva /d/ na fala (brincano) e a variante com a oclusiva /d/ presente (brincando); ou seja, encontramos tanto uma pronúncia quanto a outra em uma mesma situação. Outro conceito que precisa ser mencionado é o de “norma”, pois, além dela assemelhar-se ao conceito de “variedade” falaremos de seus tipos mais a frente. Norma, conforme Faraco (2008, p.40), é designada como “um conjunto de fatos linguísticos que caracterizam o modo como normalmente falam as pessoas de certa comunidade, incluindo os fenômenos em variação”, ou seja, o jeito que determinada comunidade fala pode ser designado de norma ou variedade.

Por conseguinte, é nessa área da linguística que comprovamos cientificamente o fato de que existem várias maneiras de dizer uma mesma coisa, além de que as variantes também possuem uma regularidade no sistema, visto que nós não falamos de maneira aleatória e mesmo, às vezes, não possuindo um amplo repertório linguístico, escolhemos o que falar e como falar a depender de vários fatores. Para Bortoni-Ricardo (2009, p. 47-49), as variedades linguísticas decorrem de: grupos etários (no qual inclui a diferença de idade já que, geralmente, os avós, por exemplo, continuam a usar palavras que seus netos não utilizam e que às vezes nem sabem qual o significado delas, visto que a língua, assim como tudo que é vivo, está em constante transformação, ou seja, o tempo é um dos fatores mais determinantes); gênero¹ (homens e mulheres falam de maneiras distintas, uns utilizam mais palavrões e gírias, outros menos); *status* socioeconômico (quem tem o poder tem mais acesso aos bens de consumo de melhor qualidade e isso reflete no modo de falar); o grau de escolarização (tem uma relação enorme com o *status* socioeconômico, pois, neste país, educação de qualidade também é para quem possui mais dinheiro e poder); mercado de trabalho (é também um fator condicionador do repertório linguístico porque, a depender da profissão que exerce, o indivíduo vai utilizar uma palavra técnica de sua área ou não, além do estilo que pode ser mais ou menos monitorado); e, por fim, rede social (demonstra com quem esse indivíduo interage).

Diante disso, constatamos de maneira mais evidente que não tem como separar a língua da sociedade, pois o que nós somos, ou melhor, o que está impregnado em nós em virtude do nosso jeito de ser, da nossa cultura, interfere e reflete nas nossas ações. Essa

¹ Existem vários estudiosos que se dedicam a estudar a influência desse fator em um viés mais recente (Cf. FREITAG, 2015), no entanto, não a abordaremos pelas limitações de tempo e espaço para a execução do presente trabalho. Seguimos, portanto, a perspectiva clássica, apesar das limitações.

ciência está tratando os fenômenos da língua como de fato eles sempre deveriam ter sido tratados: como diferença e não deficiência.

A seção a seguir aborda questões relacionadas ao valor social das variedades linguísticas.

1.3 O VALOR SOCIAL DAS VARIEDADES LINGUÍSTICAS: PRESTÍGIO X ESTIGMAÇÃO

O julgamento das variantes não é de fato linguístico, mas social e político, pois podemos observar que existe uma distinção em relação às variedades: uma é prestigiada e a outra estigmatizada ou marginalizada. Com isso, percebemos que não se julga a fala, mas o falante, quanto mais afastada a linguagem deste estiver da variante padrão, mais ele será julgado pejorativamente. Isso quer dizer que enquanto uma exerce o poder de aceitação, de linguagem “bonita” e valorizada perante a sociedade, a outra exerce o poder contrário, pois as variantes “não padrão” não são “bem vistas”, são desvalorizadas e, muitas vezes, interpretadas como deturpações do que se entende como língua, de modo bastante idealizado. Diante dessa ideia mal formada, surge o preconceito linguístico, ou seja, um conceito pré-concebido em relação às variedades linguísticas sempre as colocando em oposição de inferioridade. A percepção errônea em relação às variedades não padrão decorrem, de uma maneira geral, dos estereótipos, visto que são padrões estabelecidos socialmente do que pode ou não pode, do que é belo ou feio, do que é certo ou errado. Podemos afirmar, por exemplo, que a visão de que o Brasil é o país de mulheres “saradas” se trata de um estereótipo, pois é um padrão que não leva em consideração a individualidade, as características pessoais de cada um.

Até o momento já falamos sobre “norma”, na seção anterior, e o que uma visão estereotipada propaga: o preconceito. Portanto, precisamos esclarecer alguns conceitos para que se entenda melhor a diferença entre os tipos de normas existentes: a “cultura”, a “padrão” e a “não padrão”. Ao ouvirmos falar em “padrão”, imaginamos algo que é comum a todos, ou melhor, que tem um modelo o qual todos devem seguir, porém, a “norma padrão”, como diz Faraco (2008), não é bem uma norma, “mas um construto sócio-histórico que serve de referência para estimular um processo de uniformização” (2008, p.73). Diante disso, essa “norma” serve para estimular um padrão linguístico no qual as pessoas idealizam a língua, valorizam a escrita e colocam a fala à margem, pois há o desejo de querer falar da mesma

maneira que se escreve, não levando em consideração que é a fala que representa o uso real da língua. Esta “norma padrão” não é algo que acontece naturalmente, como os fenômenos, mas são regras descritas nas gramáticas normativas que servem de base, sobretudo, para a escrita. Seus defensores, também chamados de puristas², utilizam-se da chamada “norma culta” para defenderem suas ideologias em relação à “norma padrão”.

A “norma culta”, ainda segundo Faraco (2008), “combina práticas culturais, valores sociais e elementos propriamente linguísticos” (p. 56) e pelos critérios do projeto NURC³ é uma variedade de uso corrente entre falantes urbanos com nível superior completo, em situações monitoradas, ou seja, este projeto determina falantes cultos a quem tem nível superior. Porém, é possível encontrar falantes cultos que não se encaixam neste critério, pois podem ter adquirido a norma culta por outros meios, sem interferência da escolarização, como, por exemplo, através do convívio com pessoas que a utilizam.

A norma “não padrão” é toda aquela que foge da “norma padrão”, ou seja, são todas as outras variedades linguísticas que existem em qualquer comunidade de fala, mas que a gramática normativa não reconhece como língua, pois para os puristas a língua deve permanecer inalterada, homogênea.

Dessa forma, como trabalhar variação linguística na escola se, além dos livros didáticos, muitos profissionais de Educação continuam com a ideia de que a língua é homogênea? Precisamos, portanto, mostrar aos alunos, desde a infância, que a nossa língua, assim como qualquer outra, é formada por variações, que isso é natural e rico, em relação à cultura de um povo, e que, na aula de Português, eles irão aprender outra norma, outras maneiras de se expressar de acordo com o contexto em que eles estarão inseridos e que esta norma servirá de base para uma escrita padronizada, porém, sem diminuir o valor social e histórico das outras variantes. Informar a eles que, para a sociedade, essa norma é conhecida como “variedade padrão/norma-padrão” e que sua aprendizagem é necessária para que eles possam utilizar quando houver necessidade, posto que, em várias situações comunicativas, será mais adequado usar uma variante ao invés de outra. É uma questão de adequação da linguagem, lembrando sempre que, ao nos comunicarmos, o objetivo principal é que o interlocutor entenda a mensagem que quisemos transmitir independentemente da variante que utilizarmos.

² Puristas, de acordo com Bagno (2009b), são aquelas pessoas que defendem a “pureza” da língua, a sua homogeneidade, ou seja, são contra suas formas inovadoras.

³ Norma Linguística Urbana Culta.

Para entendermos melhor a variação do nosso idioma, Bortoni-Ricardo (2009) sistematizou as informações sobre essas variações separando-as em três contínuos: contínuo de urbanização, contínuo de oralidade e letramento e contínuo de monitoração estilística. Para o contínuo de urbanização, ela diz para imaginarmos o seguinte: uma linha, ou seja, um contínuo, no qual em uma das pontas dessa linha estarão as “variedades rurais isoladas”, ou seja, onde podemos situar os falantes que não têm muito acesso às áreas urbanas e, conseqüentemente, aos falares daquela comunidade linguística; na outra ponta as “variedades urbanas padronizadas”, na qual a comunidade sofre influência midiática, industrial e, portanto, com situações mais letradas que proporcionam a estes falantes um outro modo de falar, de alterar as variantes linguísticas; e, por fim, no centro do contínuo de urbanização, Bortoni-Ricardo (2009) situou o contínuo denominado de “área rurbana”, que são formados por indivíduos migrantes oriundos da zona rural, que preservam seu repertório linguístico, e por indivíduos interioranos residentes em zonas semirrurais, os quais tinham interferências urbanas⁴.

Em relação ao contínuo de oralidade e letramento, no primeiro a fala acontece naturalmente em diálogos que não precisam de texto escrito para que a comunicação ocorra, por outro lado, no contínuo de letramento situamos falantes que ao participarem de algum evento social têm como base algum texto escrito, no momento da fala ou anterior a ela, mas que ele utilizou para poder falar. No contínuo de monitoração estilística, em um lado se encontra indivíduos que monitoram menos sua fala ou não a monitoram e, no outro, indivíduos que monitoram sua fala de acordo com o ambiente, com seu interlocutor e com o tema da conversa. Para Bortoni-Ricardo (2009), portanto, podemos situar qualquer falante, que utilize qualquer variante, em qualquer um desses contínuos, demonstrando, dessa forma, a variação do nosso Português.

É relevante destacar o fato de estarmos sempre buscando, em termos gerais, a perfeição de acordo com os padrões estabelecidos pela sociedade, seja no jeito de andar, de se vestir, de falar, na maneira de se relacionar com o outro, enfim, sempre há uma justificativa para tentar “corrigir” o nosso jeito de ser. Se dissermos “ingrês” e o nosso interlocutor entender a mensagem, mesmo assim haverá alguém que irá dizer que estamos errados e que o “certo” é “inglês”. Ademais, é importante deixar claro que as alterações no modo de falar não são questões de padrão de beleza, mas uma adequação da linguagem. Portanto, para quem

⁴ Vale ressaltar que tais colocações não podem ser consideradas em termos estanques, mas sim devem ser relativizadas, pois nem sempre tais fatos ocorrem dessa forma.

teve acesso à educação, falar adequadamente é falar de acordo com a situação comunicativa, ou seja, utilizar nosso repertório linguístico para adequar nossa linguagem ao público leitor/ouvinte, ao tema em questão. No entanto, para quem não teve essa oportunidade provavelmente não terá as mesmas ferramentas que nós. Por isso, não devemos cobrar do outro algo que ele não tem, devíamos antes lutar para que aqueles que foram privados de seus direitos tenham oportunidades de tê-los.

Logo no início desta seção, quando mencionamos que as variantes linguísticas são questões sociais e políticas, fizemos tal colocação com respaldo no preconceito linguístico gerado pela ideologia do falar “certo e bonito”, do “Ah! Se eu falo bonito, eu estou em outro patamar!”. Mas, sabemos que não é bem assim. Falar adequadamente gera oportunidades, mas não eleva automaticamente alguém a um patamar “superior”. O que falta às pessoas que não conseguiram absolver “o falar bonito” referido é oportunidade, acesso ao que há de melhor e de direito de todos: boa educação é uma das principais. Vejamos o que Scherre cita a respeito:

Em nome da boa língua pratica-se a injustiça social, muitas vezes humilhando o ser humano por meio da não aceitação de um de seus bens mais divinos: o domínio inconsciente e pleno de um sistema de comunicação próprio da comunidade ao seu redor. E mais do que isso: a escola e a sociedade – da qual a escola é um reflexo ativo – fazem associações perversas, sem respaldo linguístico estrutural, entre domínio de determinadas formas linguísticas e beleza ou feiura (SCHERRE, 2008, p. 43).

Como percebemos a língua também é uma questão cultural, é uma característica nossa, não devemos sentir vergonha do nosso jeito de falar, do jeito que a nossa comunidade fala, mas procurar ampliar nosso repertório linguístico e adequá-lo as diversas situações comunicativas que praticamos diariamente sem nem percebermos.

Na seção a seguir, apresentamos as noções gerais sobre o conceito de percepção sociolinguística.

1.4 PERCEPÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA: O QUE É?

A noção de percepção sociolinguística pode ser entendida como o julgamento que o falante faz sobre determinado fenômeno em variação linguística. Segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006), o nível de consciência social é um aspecto significativo da mudança

linguística. Isso porque este possui um papel relevante na propagação ou contenção do fenômeno variável.

Sendo assim, a percepção linguística de um conjunto de indivíduos em relação às variações de uma determinada língua ajuda a reconhecer o que a sociedade, de maneira geral, entende sobre língua e suas variedades, sobretudo, o valor social agregado a elas, visto que existe uma tendência em classificar socialmente as pessoas segundo também o seu jeito de falar. No entanto, deixam-se de lado vários outros critérios que explicariam o porquê de uma pessoa produzir certos fenômenos linguísticos, pois sabemos que eles não acontecem por acaso e sempre há uma explicação que comprova sua realização.

A ocorrência de certos fenômenos possui julgamentos de valor, os quais, na maioria das vezes, são negativos, sendo eles mais perceptíveis. Alguns dialetos⁵, sobretudo o nordestino, carregam valores negativos na visão de muitas pessoas que acreditam que a variante padrão é de fato a nossa língua. De acordo com Cardoso, “um dos fatores de relevância dos estudos sociolinguísticos é depreender como o falante se sente em relação ao dialeto que fala, uma vez que há uma tendência de se categorizar socialmente uma pessoa pelo seu dialeto ou socioleto” (2015, p.14). Em outras palavras, não é que seja ruim reconhecer de onde a pessoa é através do seu modo de falar, isso é questão de identidade, o problema está em desvalorizar as variantes de determinada região e, conseqüentemente, sua cultural.

Freitag e Santos (2016, p. 109) ressaltam que “o que faz com que uma variável seja sensível ou não à avaliação em uma comunidade pode ser atrelado ao seu grau de saliência, seja linguística, social ou ideológica”. É justamente isso que pretendemos depreender quanto aos fenômenos do rotacismo, yeísmo, monotongação e supressão da oclusiva /d/ no morfema de gerúndio através da coleta de dados de percepção. A seguir explanamos sobre cada um desses fenômenos.

1.5 OS FENÔMENOS LINGÜÍSTICOS EM ESTUDO: DEFINIÇÃO, ABORDAGEM DAS GRAMÁTICAS E ESTUDOS REALIZADOS

De acordo com Bagno (2010), existem vários tipos de variações linguísticas, elas podem ser: sintáticas, onde ocorre uma variação na maneira de organizar as frases; lexicais,

nas quais as mudanças podem ser geradas por causa da região geográfica; semânticas, no que diz respeito aos diferentes sentidos que uma palavra pode ter e a mudança linguística fonética, que se detém ao modo de pronunciar os sons de uma língua. Posto isso, os fenômenos que mencionaremos estarão voltados para o último tipo de variação citado, o fonético, visto que avaliaremos a produção linguística e a percepção dos alunos em relação a essas mudanças, ou seja, quais fenômenos são mais produzidos, perceptíveis e estigmatizados. Fazemos esta abordagem conceituando os fenômenos, exemplificando e estabelecendo uma ponte com outros trabalhos nos quais essas variações foram abordadas e o que as Gramáticas Históricas⁶ de Said Ali (1971), Coutinho (1982) e Camara Jr. (1975) mencionam a respeito dos fenômenos em questão, além das Gramáticas Normativas de Faraco e Moura (2003) e Bechara (2006; 2009).

1.5.1 O fenômeno linguístico rotacismo

O rotacismo utilizado para este trabalho é o caracterizado pela troca do fonema /l/ pelo /r/, mais comum em grupos de palavras CCV, como nos seguintes exemplos: “chiclete”, “bicicleta” e “planta”, variante padrão, e seus correspondentes “chicrete”, “bicicreta” e “pranta”, no português referido como não padrão. Contudo, existem outras formas do fenômeno elencado, possível verificar na citação seguinte:

O rotacismo pode ocorrer em dois contextos silábicos: no ataque complexo, como, por exemplo, na realização padrão de estilo CCV, como em claro por craro, ou na coda silábica, como, por exemplo, a realização de desculpa por descurpa. E o rotacismo que sofre uma supressão da vibrante na realização do grupo conconantal, ou seja, [r] ~∅, como, por exemplo, globo>grobo por gobo ou placa>praça por paca” (DIDA, 2015).

Dentre outros motivos, podemos destacar que este fenômeno acontece porque algumas palavras que eram escritas com /l/ no latim foram transformadas em /r/ no português e, ao darem prosseguimento a essa tendência, algumas pessoas acabam fazendo-a naturalmente, mesmo a palavra não tendo passada por essa transformação. No entanto, os falantes, ao usarem essa variante, seguem uma regra natural da transformação histórica da

⁵ Dialeto, de acordo com Cardoso (2015, p.13), é a variedade específica da língua da comunidade do falante.

⁶ Tanto as Gramáticas Históricas quanto as Normativas foram escolhidas porque eram as que estavam disponíveis no momento da elaboração deste trabalho.

nossa língua (BAGNO, 2007). Uma das comprovações de que essas mudanças acontecem e são naturais das línguas pode ser encontrada na obra canônica “Os Lusíadas”, de Camões, que ao escrever utilizou, por exemplo, “frauta” em um de seus versos (BAGNO, 2007). Uma outra explicação para a ocorrência do fenômeno é o fato dessas consoantes serem muito próximas do ponto de vista articulatorio, pois o /l/ é uma consoante líquida lateral e o /r/ uma consoante líquida vibrante⁷, podendo haver neutralização da distinção entre elas.

Há uma imensa variedade de trabalhos que falam e descrevem o rotacismo em determinadas localidades. Em Sergipe, alguns estudos foram realizados sobre esse fenômeno, como os de Araújo et al (2010), Barbosa (2014) e Dida (2015). Vejamos a seguir a descrição desses estudos.

Araújo et al (2010) investigaram o rotacismo tanto na fala quanto na escrita de alunos de duas escolas públicas de Moita Bonita/SE e controlaram as seguintes variáveis independentes: a localidade (povoado x cidade), o sexo (feminino x masculino) e a escolaridade (2º e 5º ano do fundamental menor). Os resultados obtidos foram os seguintes: quanto à localidade, quem morava em povoados teve uma menor ocorrência dos fenômenos, ao contrário de quem morava na cidade que produziu mais vezes a variedade “não padrão”; em relação à escolaridade, quanto maior, menor era a ocorrência dos fenômenos e quanto ao sexo do informante, as mulheres produziram mais vezes o fenômeno. Observa-se que os resultados desse estudo se contrapõem as hipóteses clássicas quanto à localidade e o sexo.

No trabalho de Barbosa (2014), as variáveis independentes controladas foram o sexo, o grau de escolaridade e a faixa etária, que variou entre 15 e 60 anos, distribuído entre 20 informantes, sendo 10 mulheres e 10 homens. Nos resultados desse trabalho quanto ao fenômeno rotacismo, ficou comprovada a maior ocorrência do fenômeno: em grupos consonantais /pl/ (plantação>prantação), nas falas de 15 informantes dos 20, nos mais adultos, nos menos escolarizados e do sexo masculino.

Dida (2015), que trabalhou com o rotacismo na fala e na escrita de alunos do fundamental, em duas escolas públicas situadas em Ribeirópolis/SE, selecionou 55 alunos, 21 do turno matutino (2º e 5º anos) e 34 do vespertino (1º e 5º anos) e controlou as variáveis sexo, escolaridade e localidade. Os resultados indicaram que, no diagnóstico da fala dos

⁷ Segundo Callou e Leite (2009, p. 25), “O fluxo de ar poderá escapar pela parte central da cavidade bucal (como nas consoantes fricativas) ou por um de seus lados. Nesse último caso diz-se que o som é lateral. [...] Quando um articulador móvel (a ponta da língua ou a úvula) bate repetidas vezes num articulador fixo (alvéolos, dorso da língua), o som é denominado vibrante”. Quanto ao termo “consoantes líquidas (laterais e vibrantes), estão, por sua vez, relacionadas com as chamadas semivogais ou vogais assilábicas pelo fato de aparecerem nas mesmas posições” (CALLOU; LEITE, 2009, p. 73).

alunos, houve maior ocorrência do fenômeno em indivíduos do sexo feminino e da zona rural. O fator escolaridade não foi selecionado como significativo.

No que diz respeito às gramáticas, apenas na de Faraco e Moura (2003, p. 67) foi encontrado uma passagem sobre a mudança do fonema /l/ por /r/, mas não se tratava do rotacismo, que acontece apenas em grupos de CCV.

1.5.2 O fenômeno linguístico yeísmo

Outro fenômeno também de percepção evidente é o chamado “yeísmo”, ele acontece porque existe o processo de vocalização da lateral palatal /ʎ/ = “lhê” em /y/ = i, produzindo, dessa maneira, um ditongo, como nos seguintes exemplos: palha>paia; mulher>muié. Percebemos, portanto, uma importância em discutir e trabalhar também com esse tipo de fenômeno linguístico, visto que suas ocorrências são antigas, ou seja, fazem parte da formação da nossa língua.

Segundo Santos (2012), que, em sua dissertação, procurou verificar a extensão das ocorrências desse fenômeno no município de Papagaios/MG, os fatores que levam as ocorrências do fenômeno correspondem aos geográficos, visto que já foi comprovada ocorrências em áreas rurais do Paraná, de Goiás, de Minas Gerais e do interior de São Paulo. Em seu estudo também foi mencionado que há uma maior ocorrência desse fenômeno em grupos socioeconômicos menos favorecidos, indivíduos menos escolarizados e idosos. A variante social do gênero não foi relevante.

Em relação à alusão desse fenômeno linguístico nas gramáticas, foi encontrado um pequeno tópico, na gramática de Faraco e Moura (2003, p. 67), que discorria sobre as mudanças de fonemas e um deles era exatamente sobre esse fenômeno, mas não o conceituava. Um dos exemplos encontrado na gramática foi este: velha>véia (FARACO; MOURA, 2003, p. 67).

1.5.3 O fenômeno linguístico assimilação da oclusiva /d/ no morfema de gerúndio

Na forma nominal de gerúndio, o morfema -ndo pode transforma-se em -n, havendo assim o apagamento da oclusiva /d/. Essa variação é o resultado da assimilação da oclusiva

/d/ porque os fonemas /n/ e /d/ são produzidos na mesma zona de articulação, ou seja, ao pronunciá-los, a nossa língua toca em uma mesma parte dentro da boca, portanto, os sons se assemelham, favorecendo a ocorrência do fenômeno. “Falano”, “comeno” e “escreveno”, são alguns exemplos desse fenômeno.

No estudo de Almeida, Araújo e Silva (2015), com dados (cartas) retirados do Atlas Lingüístico do Mato Grosso do Sul (ALMS), foram analisadas a ocorrência do fenômeno em questão em 32 localidades da região sul-mato-grossense, tendo como variáveis independentes a escolaridade, o sexo e a localidade. No trabalho, ainda é mencionado que tais fatores extralingüísticos são mais favoráveis à produção do fenômeno do que os fatores lingüísticos como, por exemplo, a extensão do vocábulo, mesmo alguns trabalhos comprovando o contrário.

Amaral (2009) investigou este fenômeno através de entrevistas com 32 informantes da comunidade de fala de Custódia/PE, levando em consideração a escolaridade, o sexo e a faixa etária, em contrapartida com as análises feitas em João Pessoa/PB também com o controle dos mesmos fatores. Os resultados obtidos foram os seguintes: constatou-se que as mulheres, sejam elas pernambucanas ou paraibanas, produzem menos o fenômeno do que os homens; em relação à escolaridade, quanto maior o nível escolar, menor a ocorrência da “variante não padrão” e, no que se refere à faixa etária, tanto jovens quanto adultos produziram o fenômeno. Nesse trabalho, as idades variavam entre 15 e 49 anos.

Para este fenômeno, nas gramáticas analisadas, não foram encontrados nenhum tipo de informação.

1.5.4 O fenômeno lingüístico monotongação

O fenômeno da monotongação ocorre quando há a redução dos ditongos na palavra por causa da assimilação de seus sons, ou seja, esse fenômeno tenta unir dois sons que se assemelham, tornando-os apenas em um: ou>ô; ei>ê; ai>a. Segundo Bagno (2010, p.87), acontece a transformação do ditongo /ou/ em ô em todos os casos, contudo, nos ditongos /ei/ para ê ocorre apenas em alguns casos, quando estes estão diante das consoantes j, x e r. Vejamos alguns exemplos: couro>coro; peixe>peixe; caixa>caxa. Barbosa (2014), em seu estudo sobre monotongação, menciona que:

Com relação ao preconceito linguístico a monotongação, por exemplo, é menos estigmatizada que o rotacismo, pelo que se tem estudado nessa área, percebemos que o primeiro fenômeno pode ter ocorrência em qualquer falante e não denota o seu grau de escolaridade, já o rotacismo é marcado, na maioria dos casos, como um “erro” e denota o grau de escolaridade do seu falante e também logo é atribuída a classe social que está inserido” (BARBOSA, 2014, p.16).

Portanto, no geral, os fenômenos linguísticos mais perceptíveis são associados ao preconceito social e não a uma ocorrência natural que acontece na língua, sobretudo na língua portuguesa falada no Brasil a qual possui uma vasta variedade.

Barbosa (2014) investigou a ocorrência do fenômeno da monotongação juntamente o rotacismo, de acordo com as seguintes variáveis independentes: sexo, escolaridade e faixa etária. Nos resultados referentes à monotongação, a autora verificou que todos os informantes produziram esse fenômeno e descartou a possibilidade dele estar ligado as variáveis independentes sexo, faixa etária e escolaridade.

No trabalho de Henrique e Hora (2013), a monotongação foi verificada em duas escolas da cidade de João Pessoa/PB com alunos do 3º ao 5º ano, sendo que uma das escolas era pública e a outra privada. Os autores controlaram os fatores escolaridade, sexo, tipo de escola (pública e privada), tipo de ditongo e o contexto fonológico seguinte a cada ditongo (/ow/ e /ej/). O resultado desse trabalho evidenciou que a variável independente mais significativa ocorreu entre a escola pública e privada, na qual aquela obteve uma maior percentual da ocorrência do fenômeno. A segunda variável de maior importância foi o contexto fonológico seguinte dos ditongos /ow/. A escolaridade foi a terceira variável de maior relevância, na qual ficou comprovada que quanto maior o nível, menor a aparição do fenômeno. A quarta variável selecionada foi o tipo de ditongo, sendo o /ow/ o mais recorrente a redução e o sexo, fator com o menor valor significativo, portanto, demonstrou que as mulheres produzem menos o fenômeno.

Na Gramática Histórica de Coutinho (1982, p. 331-332), mencionou-se a supressão dos ditongos “ai” em “i” e dos “ei” em “e”, segue os exemplos encontrados na gramática: faixa>faxe e beijo>bejo. Nas demais não gramáticas não houve remissão ao fenômeno.

No capítulo a seguir, apresentamos os procedimentos metodológicos seguidos.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: O CAMINHO SEGUIDO

Neste capítulo, descrevemos os procedimentos metodológicos adotados para a coleta de dados a qual levou a alcançarmos o objetivo deste trabalho que consiste na análise da produção e da apercepção sociolinguística de alguns alunos do ensino fundamental e médio mediante os fenômenos aqui já elencados. Primeiramente, falamos a respeito da cidade em que esta situada o colégio onde os dados foram coletados, em seguida, explanamos sobre a comunidade de fala escolhida. Posteriormente, apresentamos a constituição do banco de dados, as variáveis controladas, a natureza da análise e o tratamento de dados.

2.1 UNIVERSO DA PESQUISA

A Itabaiana, cidade serrana onde foi feita a nossa pesquisa, esta situada a 5km da capital Sergipana. Itabaiana, de acordo com os dados estatísticos do IBGE de 2010, possuía 86.967 habitantes, sendo que a estimativa para 2016 era de 94.393. A área territorial da mesma, em 2015, era de 335.760 km² e a densidade demográfica, em 2010, de 258.30 (hab/km²). A Figura 2 evidencia a localização geográfica da cidade de Itabaiana no mapa de Sergipe.

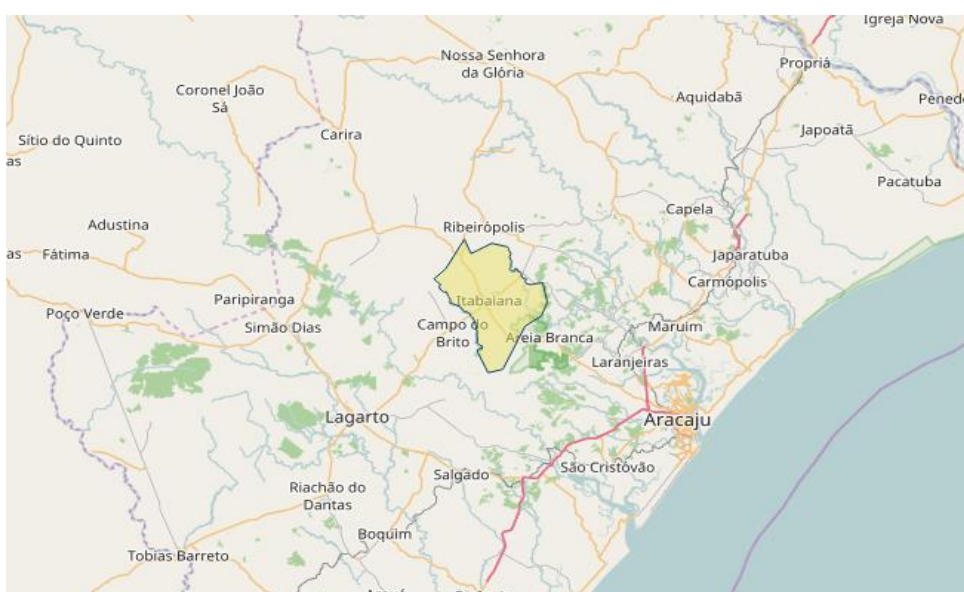


Figura 1: Localização de Itabaiana no mapa de Sergipe

Fonte: IBGE

Situada no agreste de Sergipe, Itabaiana possui um forte comércio e foi consagrada, em 2014, como a Capital Nacional do Caminhão, visto que muitos de seus habitantes são caminhoneiros, além de todos os anos ter uma data festiva para comemorar seu padroeiro e na qual há a atração especial é o desfile de caminhões.

Em relação ao colégio escolhido (Colégio Estadual Murilo Braga - CEMB), este está situado no centro da cidade de Itabaiana, abarca cerca de 1.400 alunos e 61 professores efetivos. A escolha dessa escola deve-se ao fato desta ser bastante conhecida e que acolhe uma ampla quantidade de alunos tanto de sua cidade quanto de cidades vizinhas, possuindo, desta forma, em um mesmo ambiente, indivíduos com modos de falar diversificados. Os alunos são oriundos tanto do centro da própria cidade quanto de seus povoados, assim como das cidades circunvizinhas, portanto, podemos situar os alunos em um dos três contínuos criados por Bortoni-Ricardo (2009) o qual já mencionamos (urbano, rural e rurano).

2.2 CONSTITUIÇÃO DO BANCO DE DADOS

O *Banco de dados* foi constituído através de dois métodos de coleta. No primeiro, coletamos dados de fala, ou seja, gravamos as falas dos alunos mediante a leitura de 24 imagens (Cf. Anexo A) que propiciavam a ocorrência dos quatro fenômenos estudados. Nesta parte da coleta, mostramos seis imagens para cada tipo de fenômeno e pedimos para que cada informante, individualmente, falasse o que estava sendo retratado naquela imagem, por exemplo, foi mostrada a imagem de um palhaço e a nossa hipótese era de que eles falaria a variante padrão (palhaço) ou a não padrão (paiaço) e assim sucessivamente.

Já quanto ao segundo método, foi realizada a coleta de dados de percepção, na qual elaboramos 6 perguntas estratégicas (Cf. Apêndice A) para a percepção auditiva e 4 para a percepção da escrita (Apêndice B), as quais mostrariam o nível de percepção do aluno e o significado social dos fenômenos. Esta etapa foi realizada a partir de dois momentos. No primeiro momento, os alunos ouviam um áudio de uma pessoa pronunciando um contexto com a presença de um dos fenômenos em estudo (ex.: Qual a profissão de sua “muié”), e respondiam as três primeiras questões do questionário, em seguida, ouviam outro áudio, com o mesmo contexto, mas agora sem a ocorrência do fenômeno (ex.: Qual a profissão de sua mulher) e, por conseguinte, respondiam as outras três questões. As perguntas desta segunda fase da coleta foram elaboradas com o intuito de perceber o ponto de vista dos informantes

em relação aos fenômenos linguísticos, podendo, posteriormente, comprovar o valor social que os informantes têm sobre essas variações, ou seja, comprovaríamos quais fenômenos são mais estigmatizados, já que focamos no valor social das variáveis. A segunda fase ainda possuía uma parte II na qual estavam escritos quatro pares de enunciados, com e sem a ocorrência dos fenômenos, que os alunos tinham que marcar quais eles achavam melhor. Segue um dos exemplos: **“Qual das frases você acha melhor?”** “Andar de bicicleta faz bem pra saúde” ou “Andar de bicicleta faz bem à saúde”.

Quanto aos informantes, foram selecionados 20 alunos de cada uma das seguintes turmas: 6º ano, 9º ano e 3º ano do Ensino Médio - totalizando, assim, 60 participantes da pesquisa. Vale ressaltar que não houve critério para determinar quais alunos, de cada turma, participariam da pesquisa, apenas os convidamos e os que manifestaram desejo foram aceitos como informantes. A escolha dessas turmas para coletar os dados de pesquisa foi feita a partir da hipótese de que os alunos possuíam percepções diferentes em virtude do nível de escolaridade, diante disso saberíamos o nível de percepção deles na entrada do ensino fundamental maior, na saída deste e também finalizando o ensino médio. Uma observação a ser mencionada é que alguns alunos não concluíram as duas fases da coleta e por isso diminuimos a quantidade de informantes, pois cada aluno deveria fazer, necessariamente, as duas fases. O Quadro 1 apresenta estratificação empregada.

Quadro 1: Estratificação empregada na constituição do banco de dados

Informantes	Nº de informantes
6º ano	18
9º ano	18
3º ano (EM)	15
Total	51

Na seção a seguir apresentamos as variáveis controladas, a natureza da análise e o tratamento dos dados.

2.3 VARIÁVEIS CONTROLADAS, NATUREZA DA ANÁLISE E TRATAMENTO DOS DADOS

Foram controladas quatro variáveis dependentes, estas são as variantes em concorrência ou alternância, ou seja, são os fenômenos e as variantes padrão, vejamos: rotacismo (bloco x broco); monotongação (peixe x pexe); assimilação do /d/ no gerúndio (correndo x correno) e o yeísmo (malhada x maiada). Essas variáveis são controladas a partir das variáveis independentes, pois estas podem alterar a nossa escolha em relação ao uso das variáveis dependentes. Controlamos apenas as variáveis independentes extralinguísticas⁸: o sexo, a escolaridade e a localidade.

A natureza da análise é de cunho quantitativo, fundamental para este tipo de pesquisa, uma vez que, segundo Labov (2008, p. 73), “a aplicação de métodos quantitativos à análise linguística é necessária para que se possa compreender melhor a estrutura da língua, bem como sua função”. Todos os contextos de ocorrência das variáveis dependentes foram codificados e cotejados com as variáveis sociais controladas. Após essa etapa, a partir do programa GOLDVARB X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), os dados foram submetidos à análise estatística, gerando, desta forma, resultados concretos e objetivos. Feito isso, procedemos à interpretação dos resultados obtidos por meio do programa, buscando respaldo nos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista.

No capítulo a seguir, expomos os resultados e discussão da presente pesquisa.

⁸ Sabemos que os fatores linguísticos podem interferir nos resultados, como, por exemplo, o tipo de ditongo para o fenômeno da monotongação. No entanto, por limitações de tempo e espaço, além do recorte feito para analisar os fenômenos selecionados, não foi possível considerar na análise esses fatores.

3 PRODUÇÃO E PERCEPÇÃO SOCIOLINGUÍSTICAS: RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo, analisamos e discutimos os resultados estatísticos obtidos através da aplicação de dois instrumentos de coleta para a constituição do nosso banco de dados, conforme descrito no capítulo 2. Para uma melhor apresentação dos resultados, dividimos este capítulo em três seções, as quais foram subdivididas. Na seção 3.1, elencamos os resultados relativos à análise dos dados da produção linguística dos informantes, os quais obtivemos a partir da aplicação do ditado mudo (leitura através de estímulo visual). A seção 3.2 é dedicada à explanação dos resultados alcançados por meio da análise das respostas obtidas com a aplicação do questionário para aferir a percepção dos informantes quanto aos fenômenos do rotacismo, monotongação, yeísmo e supressão da oclusiva/d/ na produção do gerúndio. Na seção 3.4, correlacionamos os resultados de produção com os de percepção.

3.1 RESULTADOS CONCERNENTES À ANÁLISE DA PRODUÇÃO LINGUÍSTICA DOS INFORMANTES

Os resultados concernentes à produção linguísticas dos informantes foram gerados a partir de duas rodadas estatísticas, tendo como valor de aplicação a forma não padrão para todos os fenômenos. Tais resultados foram obtidos a partir da primeira parte da coleta, na qual colhemos os áudios de fala dos informantes para verificar a produção e/ou não de cada fenômeno, a partir das respostas destes em relação a vinte quatro imagens, quatro de cada fenômeno, com a possibilidade de, no mínimo, duas opções de respostas, uma com a variante padrão ou outra com a não padrão. A nossa hipótese geral é que quanto mais estigmatizado o fenômeno (variante não padrão) for, menos ele será produzido pelos informantes.

A fim de verificar quais são as motivações extralinguísticas que favorecem a ocorrência ou não dos fenômenos em discussão, levou-se em consideração as variáveis independentes, ou seja, os fatores condicionadores das variantes, são eles: “localidade”, a qual consta se o informante é residente da zona urbana (centro da cidade), rural (povoado e/ou bairro distante do centro da cidade) ou de outra cidade; o “sexo” de cada informante (masculino ou feminino) e “escolaridade” (6º ano, 9º ano ou 3º ano, ou seja, entrada e saída do ensino fundamental II e saída do ensino médio).

Para explanarmos sobre os resultados concernentes à produção linguística dos informantes, essa seção foi dividida em cinco subseções, a saber: 3.1.1 traz sobre os resultados do fenômeno rotacismo; 3.1.2 aborda os resultados do fenômeno yeísmo; 3.1.3 apresenta os resultados do fenômeno da monotongação; 3.1.4 expõe os resultados do fenômeno da assimilação do “d” nos gerúndios; e a 3.1.5 têm-se a apresentação da correlação geral entre os resultados obtidos de cada fenômeno.

3.1.1 O fenômeno rotacismo

Como já sabemos, diante das explicações anteriores, o rotacismo é um fenômeno existente na Língua Portuguesa devido seu processo histórico, visto que, antigamente, existia a escrita e a pronúncia com a troca do /l/ por /r/ em grupos CCV e se pode comprovar isso com algumas leituras de obras clássicas, por exemplo, Os Lusíadas, de Luís Vaz de Camões. Para investigarmos se os informantes selecionados produziam ou não o fenômeno em questão, mostramos no momento da realização do ditado mudo (leitura através de estímulo visual) as imagens de: uma bíblia, uma bicicleta, um teclado, uma biblioteca, uma flecha e um chiclete. Tais imagens foram expostas para todos os 51 informantes, individualmente, e, por conseguinte, gravamos os áudios de suas respostas. As hipóteses estabelecidas foram: quanto maior o nível de escolaridade, menor o índice de ocorrências do fenômeno, posto que, o aluno já possui um maior contato com a norma padrão; que o sexo feminino é menos sensível às normas não padrão, pois, geralmente, as mulheres optam mais pela forma padrão quando os fenômenos são estigmatizados socialmente; que quanto mais afastado da área urbana o informante residir, mais ele estará propício à realização do fenômeno, visto que, estará, possivelmente, em maior contato com as formas não padrão. Por ser um fenômeno de fácil percepção e conseqüentemente mais marcado na língua, acreditamos que o quantitativo de produção deste será bastante baixo. Os gráficos abaixo evidenciam a ocorrência do rotacismo (forma não padrão) e a não ocorrência do mesmo (forma padrão), de acordo com cada variante independente:

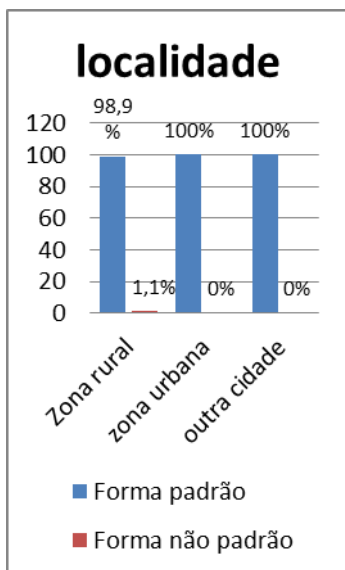


Gráfico 1: Distribuição das ocorrências quanto ao fator localidade

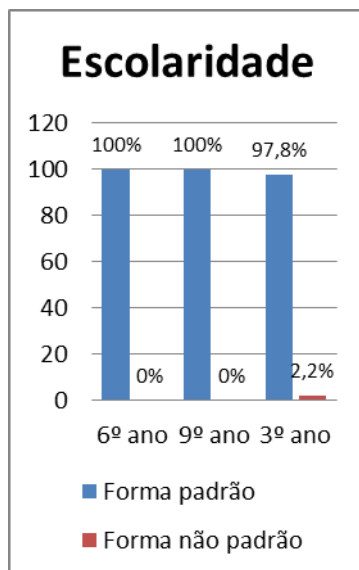


Gráfico 2: Distribuição das ocorrências quanto ao fator escolaridade

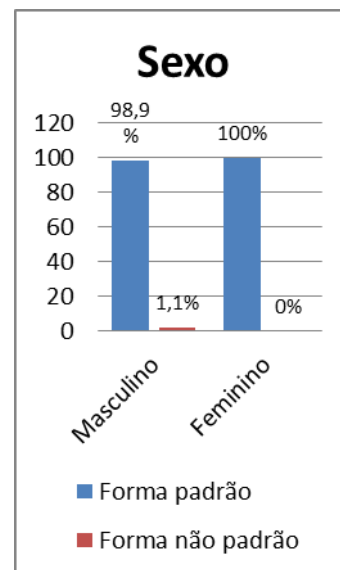


Gráfico 3: Distribuição das ocorrências quanto ao fator sexo

Diante dos resultados presentes nos gráficos, é possível verificar o baixíssimo índice de ocorrência do fenômeno rotacismo, houve apenas duas ocorrências que foram de um único informante: indivíduo do sexo masculino, residente da zona rural e que estava cursando o 3º ano do ensino médio. Desta maneira, nosso trabalho se contrapõe aos de Araújo et al (2010), Barbosa (2014) e Dida (2015), que obtiveram resultados significativos para este fenômeno. No entanto, cabe ressaltar que estes estudos foram realizados com informantes de escolaridade menor que as controladas neste trabalho, o que justifica as diferenças obtidas. Portanto, no geral, na comunidade que fizemos a coleta, não é possível afirmar que há uma concorrência entre as variantes, logo, para este fenômeno, há a prevalência da forma padrão, sendo as duas ocorrências do fenômeno, casos isolados. Esses resultados confirmam as hipóteses aventadas.

3.1.2 O fenômeno yeísmo

Em relação ao fenômeno do yeísmo, que é a transformação do lh /ɫ/ em i /y/⁹, ou seja, um dígrafo que na pronúncia é transformado em uma semivogal, propomos as mesmas hipóteses feitas para o rotacismo (quanto maior a escolaridade, menor sua ocorrência, quanto mais próximo da zona urbana também menor poderá ser sua ocorrência e se o indivíduo for

⁹ Representação fonológica adotada por Cristófar (2009).

do sexo feminino também terá um índice menor da produção do fenômeno, visto que as mulheres são mais atentas às questões de adequação de linguagem em termos bem gerais). Como se trata de um fenômeno de fácil percepção e consequentemente mais marcado na língua, assim como o rotacismo, temos a hipótese de que o quantitativo de produção deste será bastante baixo. Para obtermos os dados de fala dos informantes em contextos que propiciassem a ocorrência deste fenômeno, mostramos a estes as imagens de: um palhaço, um espantalho, uma sobancelha, um milho, uma abelha e uma colher; seguindo o mesmo protocolo de coleta anterior. O Gráfico 4 apresenta os resultados obtidos através do controle do fator localidade de moradia do informante.

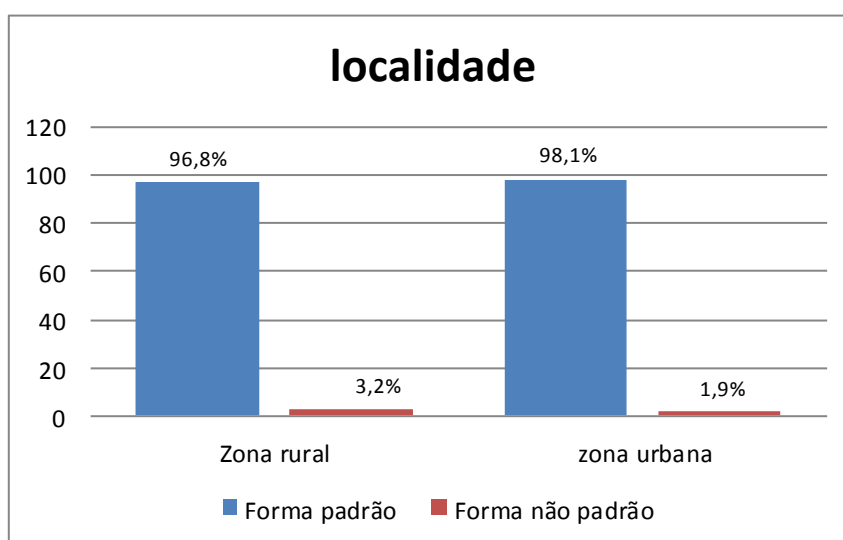


Gráfico 4: Distribuição das ocorrências quanto ao fator localidade

No que se refere a variante independente “localidade”, apenas 3,2% dos informantes da zona rural e 1,9% da zona urbana produziram o fenômeno. Em termos absolutos, dos quatro informantes que produziram este fenômeno no momento da pronúncia, três são moradores da zona rural, ou seja, distantes do centro, e um é morador da zona urbana, no centro ou próximo a ele. O percentual continua sendo muito baixo, assim como o do rotacismo. Estes resultados, de forma geral, confirmam a hipótese proposta.

Quanto à influência do fator escolaridade no uso ou não do fenômeno yeísmo, os resultados também foram baixos. Vejamos os resultados na Tabela a seguir:

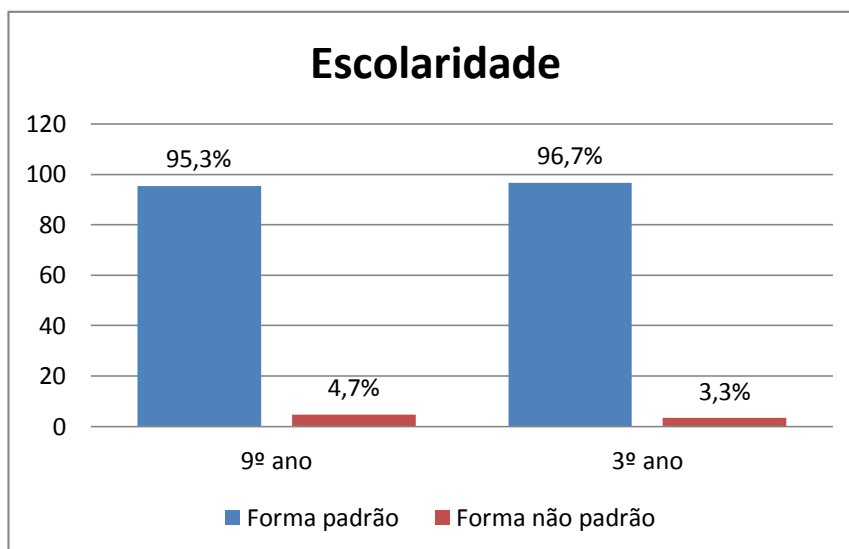


Gráfico 5: Distribuição das ocorrências quanto ao fator escolaridade

Em relação ao fator escolaridade, dos 102 contextos propícios para a ocorrência do fenômeno no 9º ano, apenas 4,7% foram produzidas com a forma não padrão e, para o 3º ano do ensino médio, dos 90 contextos, 3,3 foram produzidas com o fenômeno. No 6º ano não obtivemos nenhuma resposta com a variante não padrão, por isso o programa não gerou resultados, não corroborando com os resultados de Santos (2012). Diante dos resultados, esse fator também não foi significativo, devido seu baixo índice de ocorrência. Esses resultados confirmam em parte a nossa hipótese geral, uma vez que se esperava uma maior ocorrência do fenômeno na fala de informantes do 6º ano. O Gráfico 6 apresenta os resultados referentes ao controle do fator sexo.

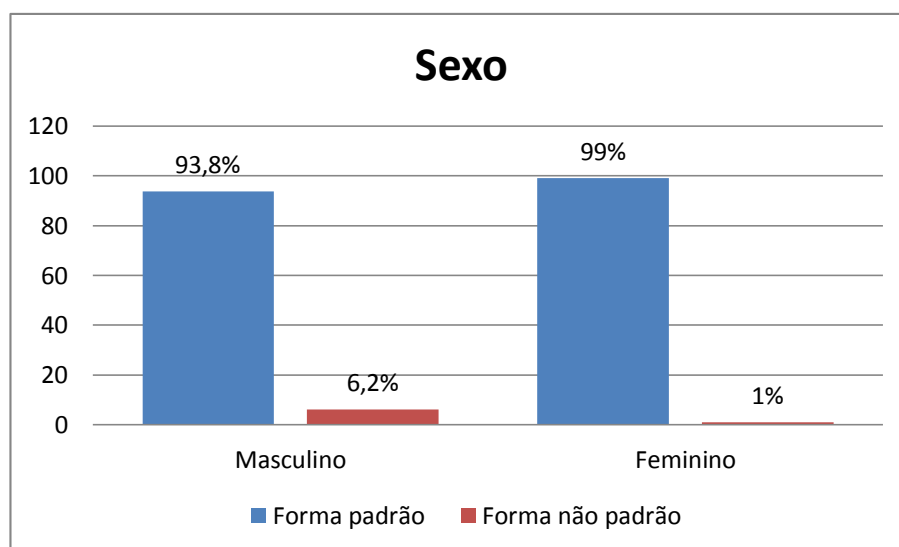


Gráfico 6: Distribuição das ocorrências quanto ao fator sexo

A tratar do fator condicionador sexo, das 206 aplicações feitas com meninas, em apenas 2% houve a ocorrência da variante não padrão. Em relação aos meninos, das 96 chances de aparecer o fenômeno, somente em 6,2% foram realizados. Este fator, portanto, também não foi significativo, assim como o resultado do trabalho de Santos (2012) em que a variante independente “sexo” também não teve valores relevantes.

3.1.3 O fenômeno da monotongação

Para o fenômeno da monotongação, redução do ditongo, as variáveis independentes controladas também foram as mesmas dos outros fenômenos: escolaridade, sexo e localidade. A nossa hipótese é que haja um maior quantitativo de ocorrências do fenômeno, pois este é menos perceptível, portanto, menos estigmatizado. Vejamos os resultados obtidos com o controle do fator localidade:

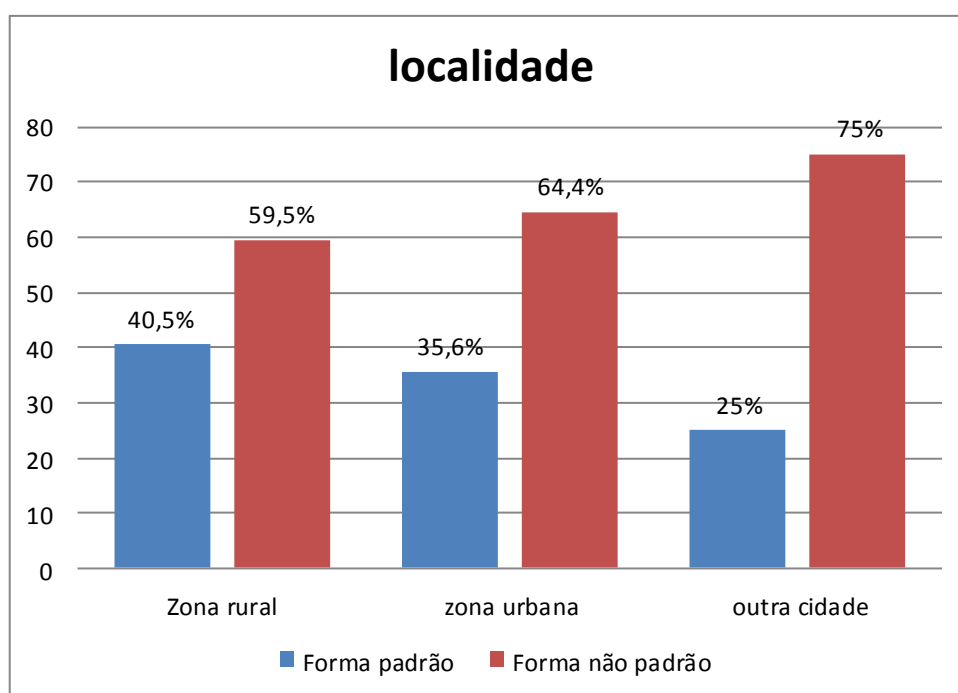


Gráfico 7: Distribuição das ocorrências quanto ao fator localidade

Diferentemente dos fenômenos “rotacismo” e “yeísmo”, a monotongação apresentou resultados bastante significativos para a forma não padrão, ou seja, mais da metade dos informantes pronunciaram as palavras com a ocorrência dos fenômenos. No gráfico acima,

que demonstra a porcentagem da variante “padrão” e “não padrão”, em relação ao fator localidade, verificamos que dentre elas (zona rural, urbana e de outra cidade) a variante não padrão teve maior ocorrência, sendo que a porcentagem maior (75%) foi com informantes que residiam em outra cidade e estudavam em Itabaiana (cidade em que está localizada a escola na qual fizemos a coleta). A zona rural teve o menor índice (59,5%) e a zona urbana ficou na faixa de 64,4%. Podemos, portanto, dizer que a localidade é um fator condicionador deste fenômeno, pois em todas as localidades que controlamos apresentaram a forma não padrão, em mais da metade. Constata-se que a hipótese foi confirmada parcialmente, visto que se esperava um maior quantitativo do fenômeno na fala de informantes da zona rural, e não na fala de informantes da zona urbana.

Na segunda rodada estatística, o fator escolaridade foi selecionado como significativo para a ocorrência do fenômeno em questão. Os resultados desse fator estão dispostos na Tabela abaixo.

Tabela 1: Atuação do fator escolaridade quanto ao uso da monotongação em função da forma não padrão

	<i>Aplicação/total</i>	<i>%</i>	<i>Peso relativo</i>
6º ano	78/104	75	0,67
9º ano	59/108	54,6	0,40
Ensino médio	49/89	55,1	0,40
Total	186/301	61,8	

Em relação ao fator “escolaridade”, houve ocorrências do fenômeno em todas as séries em que fizemos a coleta, também concluindo mais da metade. Os resultados obtidos confirmam a hipótese sugerida, pois é exatamente a menor escolaridade que favoreceu o uso da forma não padrão, com peso relativo 0,67.

O fator sexo também foi selecionado como significativo para o fenômeno da monotongação. A hipótese para este fator é que o sexo feminino utiliza menos a forma não padrão do que o masculino. Vejamos a seguir os resultados obtidos.

Tabela 2: Atuação do fator sexo quanto ao uso do monotongação em função da forma não padrão

	<i>Aplicação/total</i>	<i>%</i>	<i>Peso relativo</i>
Feminino	117/206	56,8	0,43
Masculino	69/95	72,6	0,65
Total	186/301	61,8	

Os resultados confirmam as hipóteses aventadas. Estes evidenciam que os homens utilizam mais a forma não padrão, apresentando um peso relativo de 0,65. Porém, do total de aplicação tanto para meninas quanto para meninos obtiveram resultados acima da média. Se compararmos os resultados desse fenômeno com os resultados do trabalho de Barbosa (2014), percebemos que há uma semelhança, pois em todos os fatores há altas ocorrências da variante não padrão. Barbosa (2014) ainda menciona que esse fenômeno já está enraizado na comunidade a qual ela fez a coleta.

3.1.4 O fenômeno de supressão da oclusiva /d/ na produção do gerúndio

Sobre este fenômeno da supressão da oclusiva /d/ na produção do gerúndio, as hipóteses também são as mesmas (quanto maior o nível escolar do informante, menor será a aparição da variante não padrão; quanto mais afastado do centro urbano o indivíduo pertencer, mais se aplicará a norma não padrão e se o sexo masculino pode produzir mais o fenômeno, visto que as mulheres são mais atentas as variantes de prestígio). Contudo, este fenômeno, assim como o da monotongação, é menos perceptível, favorecendo, desta forma, suas ocorrências. O Gráfico 8 evidencia os resultados quanto ao fator localidade.

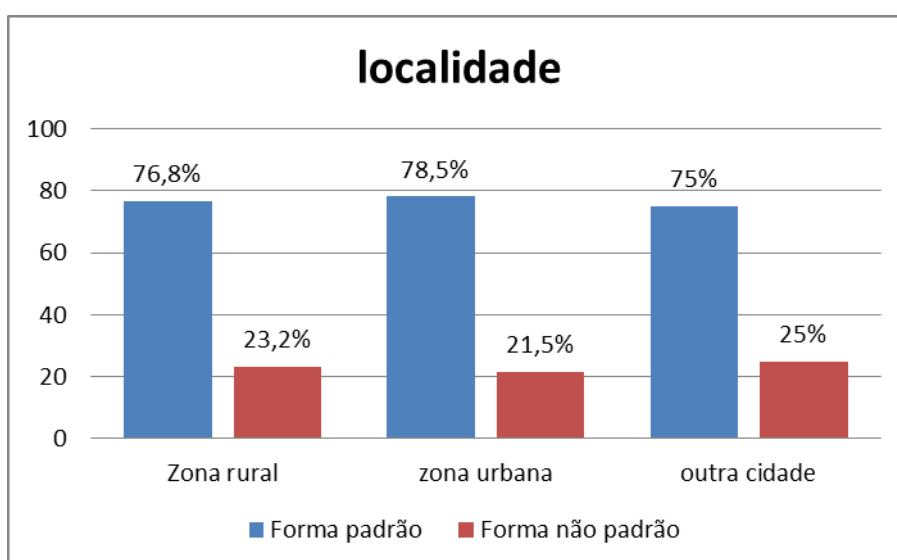


Gráfico 8: Distribuição das ocorrências quanto ao fator localidade

O Gráfico acima demonstra os resultados da variante independente “localidade” e, ao analisá-lo, podemos observar que houve a produção do apagamento do /d/ em um pouco mais

de 20% em todas as localidades controladas. Dessa forma, a forma padrão foi a mais aplicada. A hipótese aventada para esse fator, portanto, não foi confirmada.

Assim como para o fenômeno da monotongação, o programa selecionou para este fenômeno o fator escolaridade e o fator sexo como estatisticamente significativo. Vejamos, primeiramente, os resultados concernentes à escolaridade.

Tabela 3: Atuação do fator escolaridade quanto à supressão da oclusiva /d/ na produção de gerúndio

	<i>Aplicação/total</i>	<i>%</i>	<i>Peso relativo</i>
6º ano	25/106	23,6	0,51
9º ano	32/108	29,6	0,61
Ensino médio	12/90	13,3	0,34
Total	69/304	22,7	

Quanto aos anos de escolaridade e sua relação com a ocorrência do fenômeno, este fator realmente tem uma importância significativa e isso é evidenciado em vários trabalhos, como o de Amaral (2009), no qual em seus resultados ficou comprovado que quanto maior o nível de escolaridade, menor a ocorrência desse fenômeno. No entanto, o grau de escolaridade que mais favoreceu a ocorrência do fenômeno em estudo foi o 9º ano, com um peso relativo de 0,61. A seguir, na Tabela 4, dispomos os resultados referentes ao controle do fator sexo.

Tabela 4: Atuação do fator sexo quanto à supressão do /d/ no gerúndio

	<i>Aplicação/total</i>	<i>%</i>	<i>Peso relativo</i>
Feminino	33/208	15,9	0,40
Masculino	36/96	37,5	0,70
Total	69/304	22,7	

O fator sexo também teve resultados que confirmaram a nossa hipótese, pois foi o sexo masculino que pronunciou mais vezes a variante não padrão, apresentando um peso relativo de 0,70. Tais resultados corroboram com os obtidos no trabalho de Amaral (2009). No entanto, não se aproximaram dos resultados do trabalho de Almeida, Araújo e Silva (2015), os quais verificaram que, em algumas regiões do Mato Grosso do Sul, as mulheres produziram mais os fenômenos do que os homens.

3.1.5 Correlação entre os fenômenos na amostra analisada

Apresentamos, no Gráfico 9, os resultados gerais dos fenômenos elencados, diante disso, podemos identificar quais foram os mais/menos pronunciados e as conclusões que podemos tirar a respeito, pois a nossa hipótese é a de que as variantes dependentes mais perceptíveis e estigmatizadas serão as menos pronunciadas.

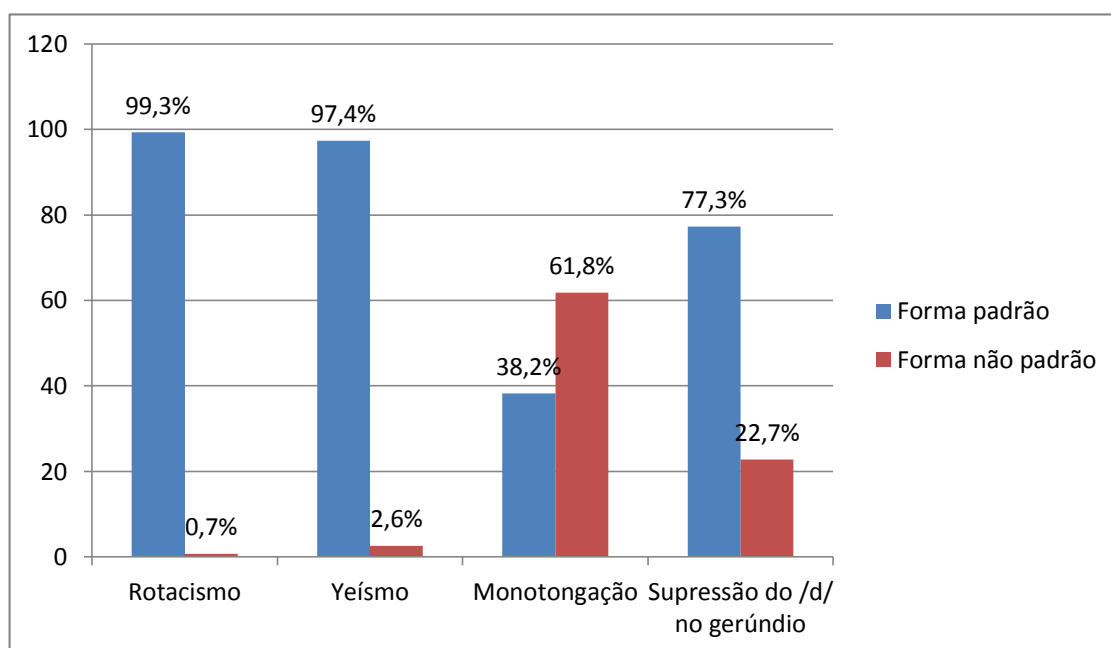


Gráfico 9: Distribuição geral dos fenômenos na amostra analisada

A partir dos resultados da primeira parte da nossa coleta, podemos destacar, como mostra o Gráfico acima, que: a forma padrão está mais recorrente (atentemos que a coleta foi feita dentro de uma escola, o aluno poderia estar policiando sua fala); os fenômenos menos pronunciados foram os que são mais estigmatizados e de menos prestígio perante a sociedade (confirmando nossa hipótese); e o único fenômeno que obteve um resultado acima da média, ou seja, o mais produzido entre os quatro fenômenos investigados neste trabalho, foi a monotongação, por sua vez, este ainda é menos perceptível do que os demais. Portanto, sua produção possivelmente não acarretará um julgamento pejorativo, visto que, na fala, ele é menos percebido.

3.2 PERCEPÇÃO LINGUÍSTICA E OS FENÔMENOS ESTUDADOS

A percepção linguística leva em consideração a atitude do informante em relação às variantes “padrão” e “não padrão”, pois o que ele entende sobre língua, possivelmente, é o reflexo de como a sociedade evidencia os fenômenos linguísticos, ou seja, como ela ressalta o outro jeito de falar que não corresponde ao que as gramáticas normativas estabelecem. Muitas pessoas têm vergonha do seu modo de falar, do seu jeito de se expressar e até mesmo de enxergar a si. Isso porque existem padrões sociais, que, por sua vez, não levam em consideração as características individuais de cada um, os aspectos culturais, por exemplo, tornando estes dependentes de padrões que talvez não seja o seu, causando, desta forma, o preconceito, que gera graves consequências como a discriminação e a não aceitação da própria pessoa e também do outro. A língua, portanto, faz parte dessa característica coletiva, que identifica uma comunidade, mas também individual, pois cada um possui o seu jeito de se expressar e nem por isso distorce ou inferioriza a nossa língua.

Esta seção tem por objetivo apresentar os resultados da segunda parte da coleta, a qual verifica a percepção dos alunos a partir da escuta de pares de áudios que possuem dois modos de falar, a saber: um usando a norma padrão, a qual é vista como a de prestígio, bonita e correta e o outro usando a norma não padrão, entendida por muitos como “deturpações” da nossa língua. Para apresentarmos e discutirmos esses resultados, dividimos esta seção em duas partes: 3.2.1 Percepção auditiva dos fenômenos pelos alunos; e 3.2.2 Percepção dos alunos quanto à identificação da “melhor” sentença através da audição e da escrita. Vejamos os resultados obtidos nas seções

3.2.1 Percepção auditiva dos fenômenos pelos alunos

Nesta seção, apresentamos os resultados da segunda parte da coleta, a qual se refere à percepção auditiva dos fenômenos pelos alunos. Conforme descrito na seção 2.2, os dados de percepção auditiva foram obtidos da seguinte forma: primeiramente, os alunos ouviam um áudio de uma pessoa pronunciando um contexto com a presença de um dos fenômenos em estudo (por exemplo, “Com quem Rafael está namorando”) e, na sequência, respondiam as três primeiras questões de um questionário (Cf. Apêndice A); posteriormente, eles ouviam o

segundo áudio, desta vez uma gravação com a variante padrão (“Com quem Rafael está namorando”), e respondiam mais duas perguntas, finalizando o questionário. Esse processo de percepção auditiva foi realizado através de oito contextos, no qual cada um deles apresentava um áudio com o fenômeno e outro sem, dois para cada fenômeno controlado neste estudo. No entanto, para a análise só consideramos um contexto com a ocorrência de monotongação, rotacismo, yeísmo e apagamento da oclusiva /d/ no morfema de gerúndio.

As nossas hipóteses iniciais, foram as seguintes:

- Para a avaliação do quanto à pessoa que pronunciou cada contexto parece ser em relação à escolaridade, formalidade e “inteligência”, considerando os parâmetros pouco, muito e bastante, é que haja uma maior correlação entre pouco escolarizada/formal/“inteligente” ~ rotacismo e bastante escolarizada/formal/“inteligente” ~ monotongação, pelo fato do primeiro fenômeno ser mais perceptivo auditivamente do que o segundo, portanto aquele tende a ser mais estigmatizado;
- Para a avaliação do quanto os contextos com a presença dos fenômenos e com a presença da variante padrão eram semelhantes ou diferentes, considerando os parâmetros iguais, parecidos e muito diferentes, tempos por hipótese que haja uma maior correlação entre iguais/parecidas ~ monotongação/redução da oclusiva /d/ no gerúndio e diferentes ~ rotacismo/yeísmo;
- Para a avaliação do quanto os contextos com a presença dos fenômenos e com a presença da variante padrão se aproxima da forma como próprio aluno fala, acreditamos que a maioria relacione a sua fala aos contextos com a variante padrão, principalmente, quando há presença dos dois fenômenos mais estigmatizados socialmente - rotacismo e yeísmo;
- Além disso, acreditamos que os estudantes com o maior grau de escolaridade farão essas correlações de forma mais expressiva.

É importante ressaltar que os resultados referentes à avaliação de qual dos contextos, com a presença dos fenômenos e com a presença da variante padrão, o falante acha melhor serão discutidos na seção 3.2.2. Os Gráficos expostos a seguir mostram os resultados obtidos com a execução desse método. Diante destes, podemos estabelecer uma ponte entre o que os informantes pensam a respeito de quem fala usando a norma padrão e a não padrão e o que os mesmos falam, evidenciando qual dos fenômenos linguísticos selecionados é mais estereotipado de acordo com a percepção auditiva dos informantes.

3.2.1.1 Percepção dos alunos quanto à escolaridade do falante

A primeira pergunta do questionário refere-se à percepção dos informantes quanto ao grau de escolaridade da pessoa que pronunciou os contextos com os fenômenos linguísticos, tendo os seguintes termos como parâmetros de avaliação: pouco, muito ou bastante. Os gráficos a seguir expõem os resultados obtidos, os quais foram dispostos em ordem crescente por séries.

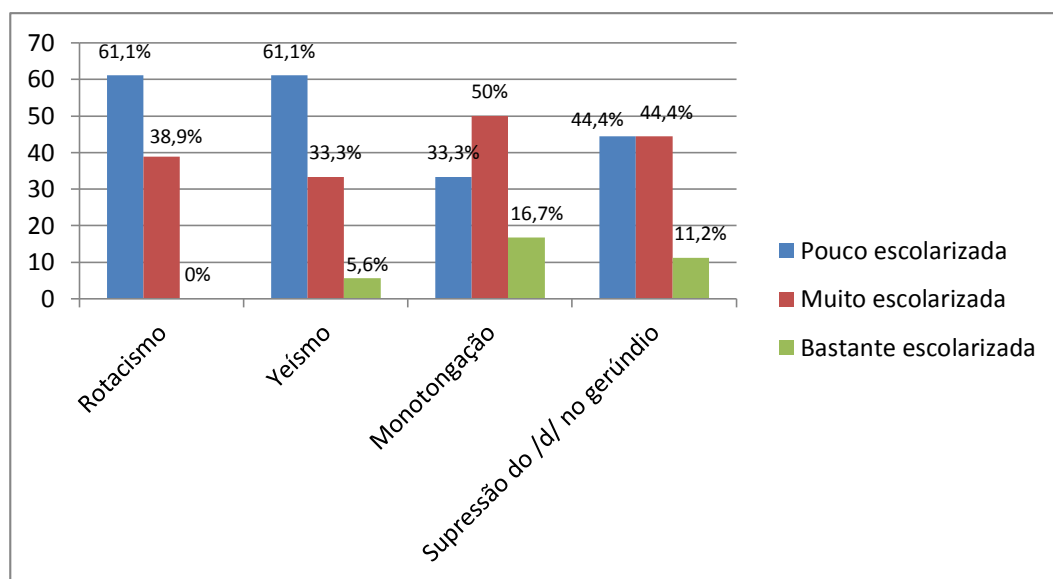


Gráfico 10: Percepção dos alunos do 6º ano quanto à escolaridade do falante

Com base no Gráfico 10, observamos que os alunos do 6º ano avaliaram a pessoa que pronunciou os contextos em que havia os fenômenos do rotacismo e do yeísmo como pouco escolarizada, apresentando um percentual de 61,1% para ambos. Já para os contextos com o fenômeno da monotongação avaliaram a pessoa como muito escolarizada. Houve um empate quanto à supressão do /d/ no gerúndio, 44,4% dos alunos avaliaram a pessoa que pronunciou o contexto em pouco e muito escolarizada. Os alunos fizeram poucas correlações entre os contextos pronunciados e a avaliação bastante escolarizada, sendo que nenhuma foi feita para o fenômeno rotacismo.

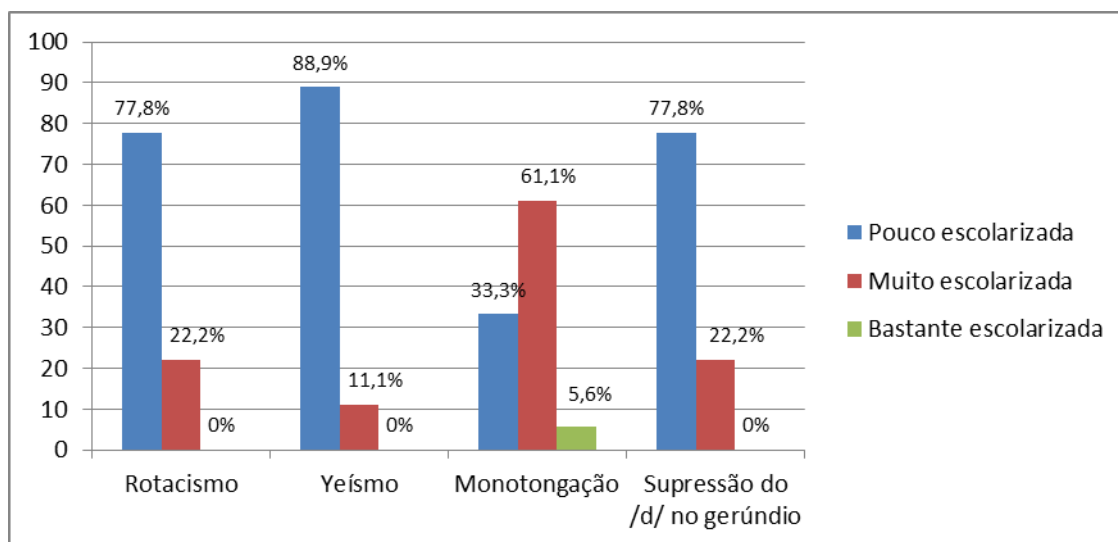


Gráfico 11: Percepção dos alunos do 9º ano quanto à escolaridade do falante

O Gráfico 10 demonstra que a maioria dos alunos do 9º ano avaliou a pessoa, que pronunciou os contextos com os fenômenos rotacismo, yeísmo e supressão do /d/ no morfema de gerúndio, como pouco escolarizada. Já para o fenômeno da monotongação, avaliaram-na como muito escolarizada. Cabe ressaltar que apenas para este fenômeno eles optaram pela opção bastante escolarizada, representando um percentual de 5,6%.

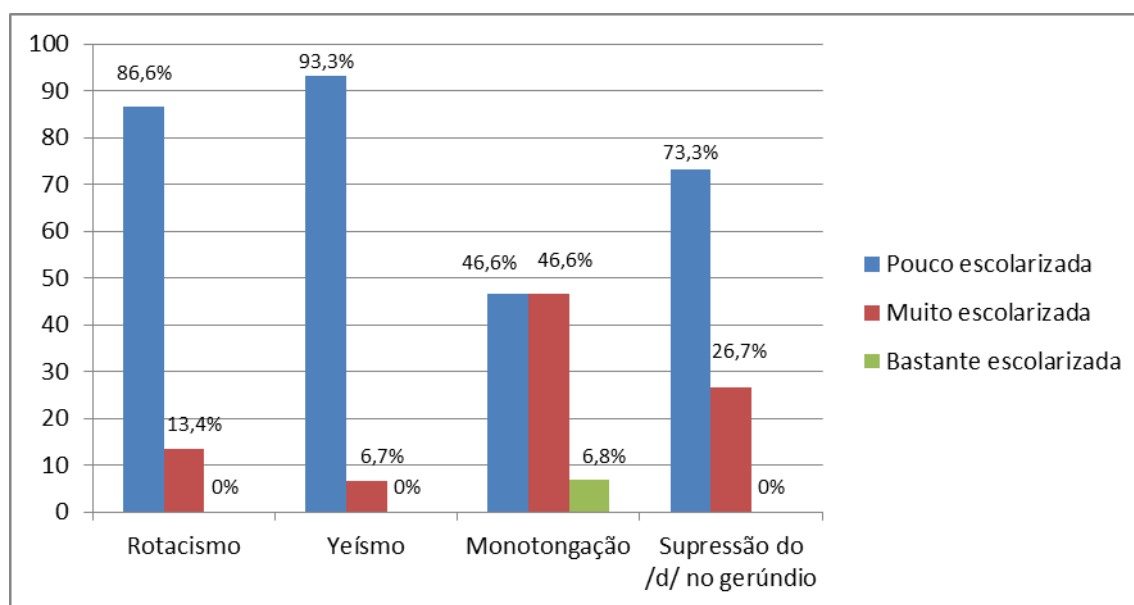


Gráfico 12: Percepção dos alunos do 3º ano do ensino médio quanto à escolaridade do falante

Os alunos do 3º ano do ensino médio acharam que, em quase todos os fenômenos, os falantes que pronunciaram os contextos eram pouco escolarizados, somente no fenômeno da monotongação houve um empate entre pouco e muito escolarizado (44,6%), e também foi neste fenômeno que eles, um percentual de 6,8%, preferiram a opção bastante escolarizados.

Diante disso, pudemos perceber que para os informantes deste nosso trabalho, a escolaridade é significativa para a ocorrência da variante não padrão. Tais resultados corroboram a hipótese aventada.

3.2.1.2 Percepção dos alunos quanto à formalidade do falante

Em uma das perguntas, os alunos foram questionados se a pessoa que pronunciou cada contexto parece ser pouco, muito ou bastante formal. Os resultados obtidos são apresentados e discutidos a seguir.

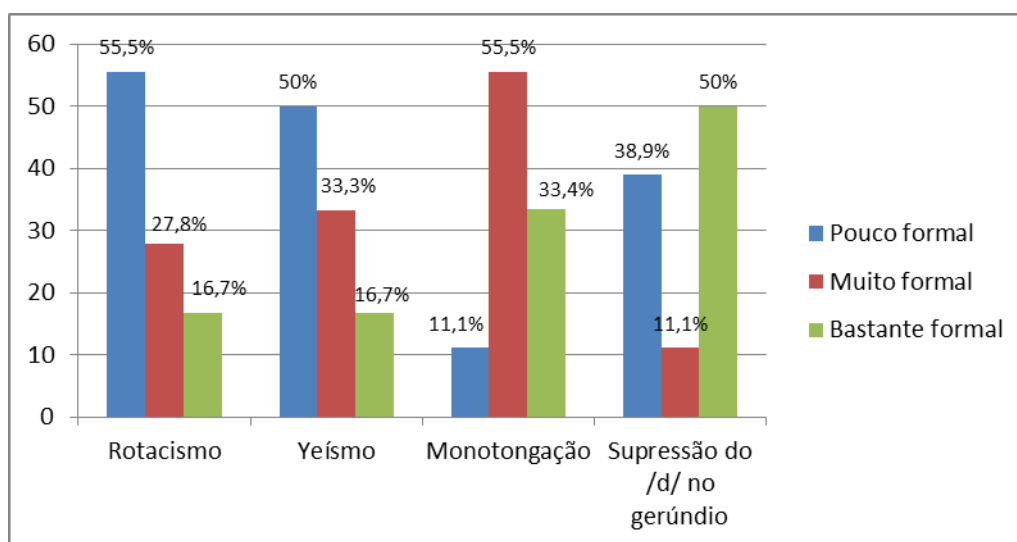


Gráfico 13: Percepção dos alunos do 6º ano quanto à formalidade do falante

Quanto à percepção dos alunos entrevistados do 6º ano em relação à formalidade do falante, para os contextos com os fenômenos rotacismo e yeísmo, a maioria deles marcaram a opção pouco formal. Já para os contextos com monotongação a maioria achou que o falante parece ser muito formal e, para os de supressão do /d/ no gerúndio, 50% acharam que a pessoa parece ser bastante formal. Estes dois últimos resultados refutam a nossa hipótese, visto que se esperava que entre os quatros fenômenos os alunos tivessem a percepção que a pessoa ao pronunciar o contexto com esse fenômeno parece ser mais formal. No entanto, considerando que os alunos são do 6º ano ainda estão em processo de formação inicial sendo aceitável tal correlação.

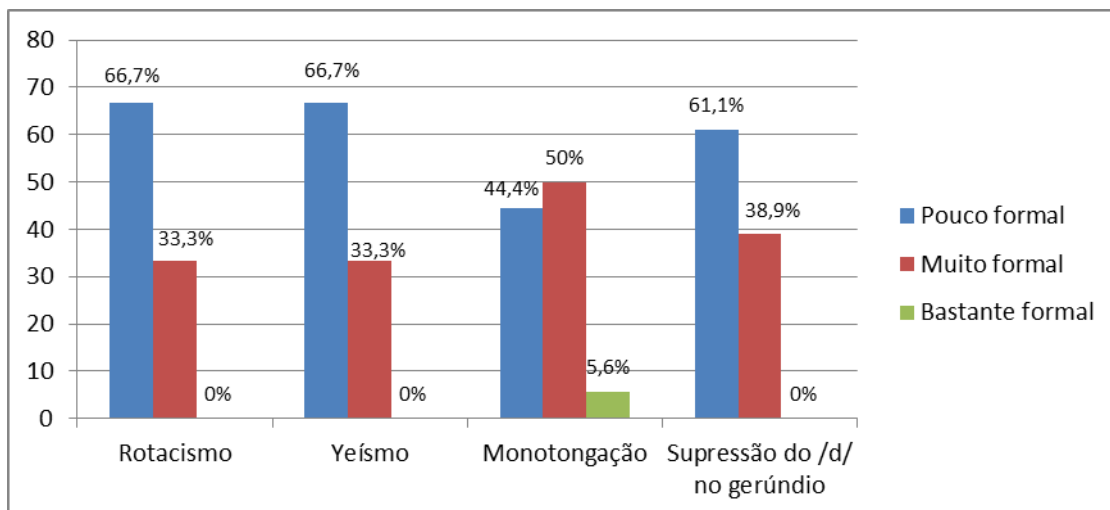


Gráfico 14: Percepção dos alunos do 9º ano quanto à formalidade do falante

Os resultados presentes no Gráfico 14 evidenciam que a maioria dos alunos do 9º ano avaliou que a pessoa que falou os contextos com os fenômenos parece ser pouco formal, havendo uma pequena porcentagem (5,6%) para bastante formal quanto aos contextos com fenômeno da monotongação. Observa-se que, com o aumento da escolaridade dos alunos, a percepção da presença de uma variante não padrão é mais recorrente. Para a monotongação observamos que houve uma porcentagem um pouco maior para o tópico muito formal, ou seja, para a maioria dos informantes, quem produziu a monotongação é muito formal, acreditamos que essa ideia esteja correlacionada ao fato de o fenômeno não ser estigmatizado.

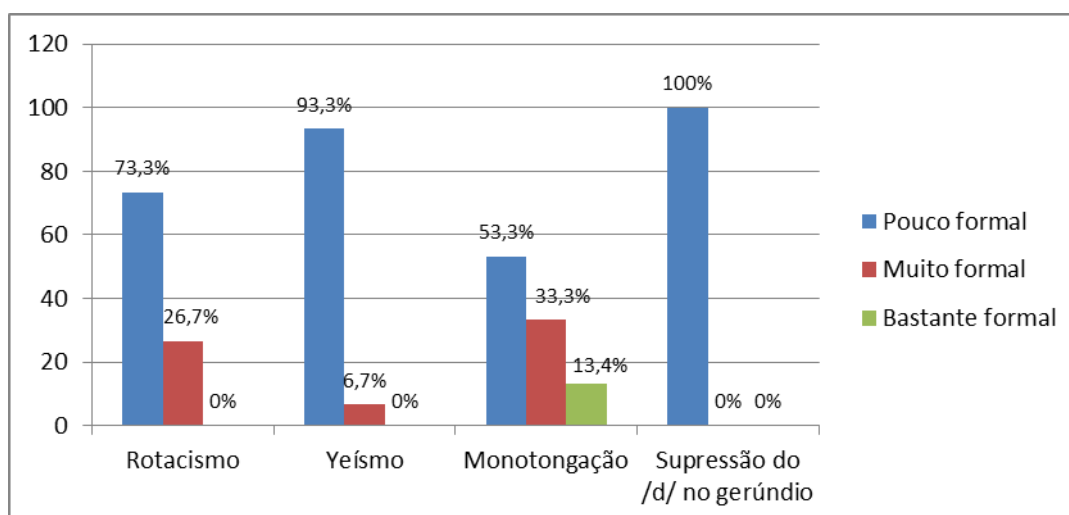


Gráfico 15: Percepção dos alunos do 3º ano do ensino médio quanto à formalidade do falante

Quanto aos alunos do 3º ano do ensino médio, a maioria também acreditou que em todos os áudios com a variante não padrão a pessoa parece ser pouco formal. A única exceção que temos refere-se ao fenômeno da supressão do /d/ no morfema de gerúndio para o qual

100% dos alunos correlacionaram o falante do fenômeno à opção pouco formal. Porém, mesmo a maioria marcando pouco formal para todos os fenômenos, 13,4% marcou a opção bastante formal para o fenômeno da monotongação. Sendo assim, a formalidade também é um fator determinante para os nossos entrevistados, pois a maioria acredita que a formalidade era pouca para quem falava utilizando os fenômenos, sobretudo os mais estigmatizados. Novamente, a nossa hipótese foi confirmada.

3.2.1.3 Percepção dos alunos quanto à avaliação da “inteligência” do falante

A terceira pergunta feita aos alunos foi se a pessoa que produziu os contextos com os fenômenos parece ser pouco, muito ou bastante “inteligente”. Vejamos os resultados obtidos

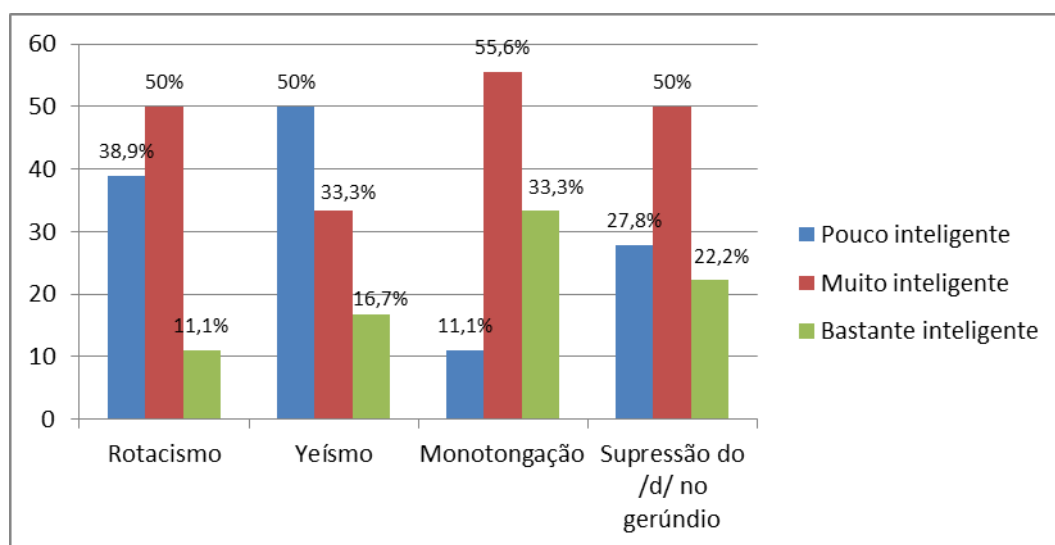


Gráfico 16: Percepção dos alunos do 6º ano quanto à avaliação da “inteligência” do falante

Quando se tratou da inteligência do falante do áudio, para a maioria dos informantes do 6º ano, o rotacismo, a monotongação e a supressão da oclusiva /d/ no morfema de gerúndio, os falantes pareciam ser muito inteligentes; apenas para o fenômeno do yeísmo 50% marcou que o falante era pouco inteligente. Vale ressaltar que em todos os fenômenos foi possível observar a presença porcentagens para a opção bastante inteligente. A nossa hipótese é refutada quanto ao fenômeno do rotacismo, pois acreditávamos que estes os correlacionariam à opção pouco inteligente.

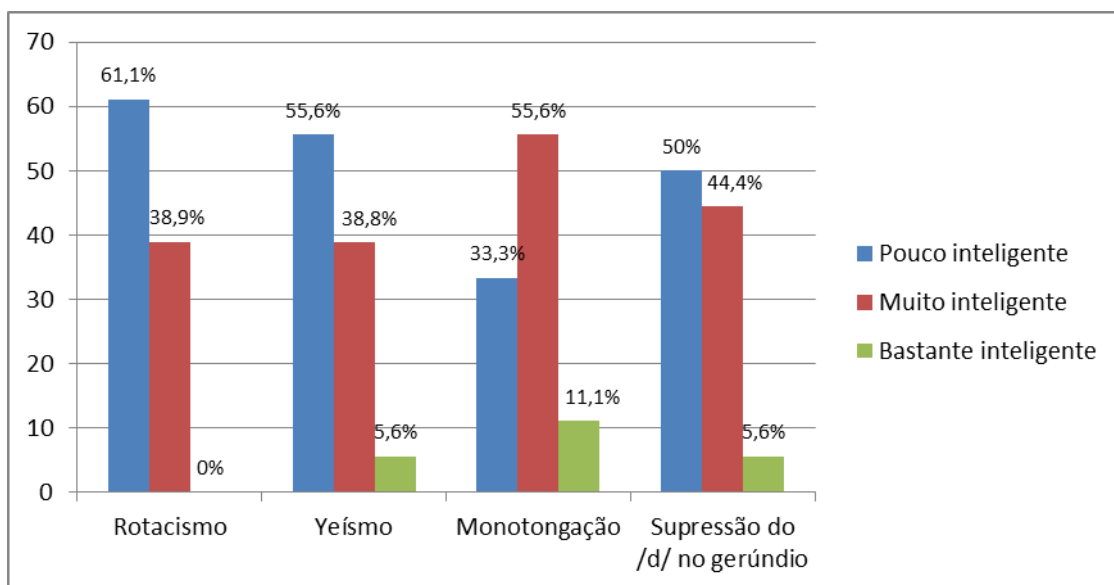


Gráfico 17: Percepção dos alunos do 9º ano quanto à avaliação da “inteligência” do falante

Os resultados presentes no Gráfico 17 revelam que para os alunos do 9º ano, a pessoa que produziu os fenômenos do rotacismo, do yeísmo e da supressão do /d/ no gerúndio é pouco inteligente. Para o fenômeno da monotongação, a maioria marcou a opção muito inteligente. Portanto, na fala que continha a aparição da variante não padrão mais perceptível, os informantes optaram por “pouco inteligente” e, na menos expressiva, optaram por “mais inteligente”. É importante ressaltar que esperávamos um resultado mais expressivo na correlação entre muito inteligente para o fenômeno da supressão da /d/ oclusiva no morfema de gerúndio.

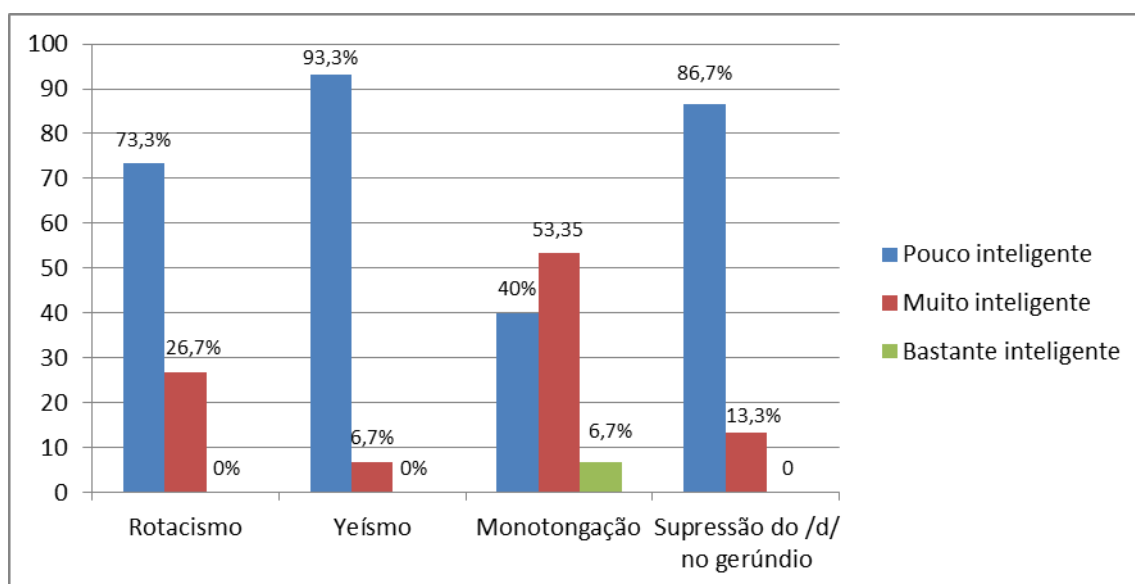


Gráfico 18: Percepção dos alunos do 3º ano do ensino médio quanto à avaliação da “inteligência” do falante

Em relação à percepção dos áudios para os alunos do 3º ano do ensino médio, conforme Gráfico 18, a grande maioria marcou que o falante parece ser pouco inteligente para os mesmos fenômenos que os do 9º ano marcaram: rotacismo, yeísmo e a supressão do /d/ no gerúndio. Quanto ao fenômeno da monotongação, os informantes do 3º ano, assim como os do 9º, marcaram, em sua maioria, a opção muito inteligente. Portanto, os resultados se repetem, pois, para os informantes, quanto mais perceptível e estigmatizado o fenômeno for, menos será a “inteligência” de quem o produziu.

3.2.1.4 Percepção dos alunos quanto à semelhança entre as falas

Para podermos verificar se os alunos percebiam o quão semelhantes os dois contextos linguísticos - um com o fenômeno e outro com a norma padrão - presentes nos áudios eram, solicitamos que estes os analisassem considerando o seguinte parâmetro: iguais, parecidas e diferentes. A seguir dispomos os resultados alcançados com esse controle.

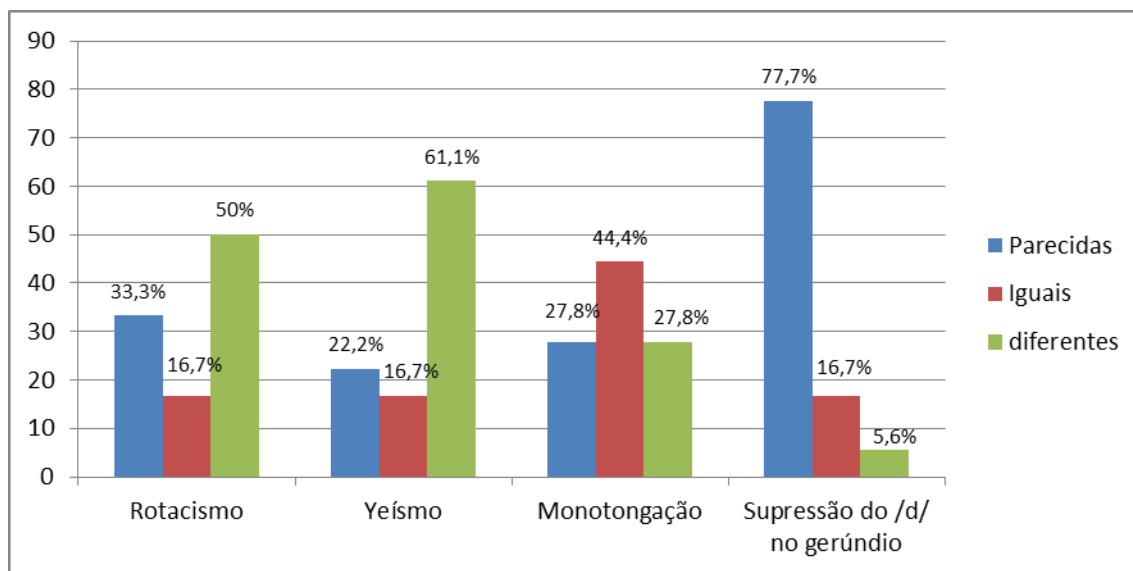


Gráfico 19: Percepção dos alunos do 6º ano quanto à semelhança entre as falas

O Gráfico 19 demonstra que os alunos do 6º ano acharam que não havia semelhança entre as falas nos fenômenos do rotacismo e do yeísmo (que são mais perceptíveis). Para a monotongação, acharam que as falas eram iguais (devido, provavelmente, por ser menos perceptível acusticamente) e, para o fenômeno da supressão da oclusiva /d/ no morfema do gerúndio, eles marcaram que as falas eram parecidas.

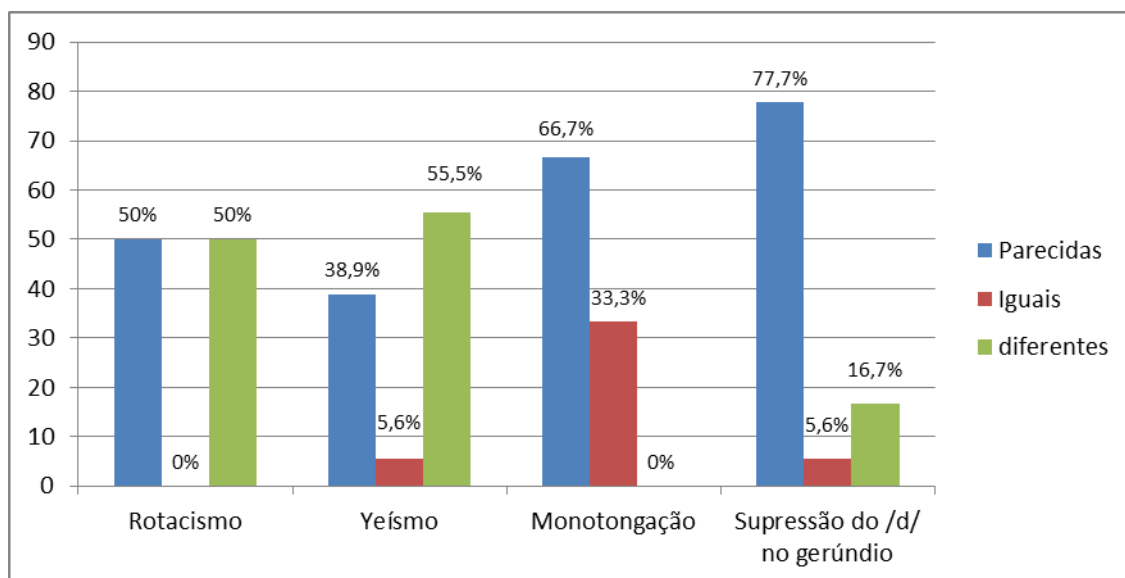


Gráfico 20: Percepção dos alunos do 9º ano quanto à semelhança entre as falas

Observa-se, no Gráfico 20, que para os alunos do 9º ano as falas dos áudios são parecidas em relação aos fenômenos da supressão da oclusiva /d/ na produção do gerúndio e da monotongação. Os resultados quanto à percepção do fenômeno rotacismo foram iguais (50% marcaram parecidos e 50% diferentes). Quanto ao yeísmo, a maioria dos informantes do 9º ano marcou que os contextos eram diferentes. Os resultados referentes ao rotacismo não corroboram a nossa hipótese.

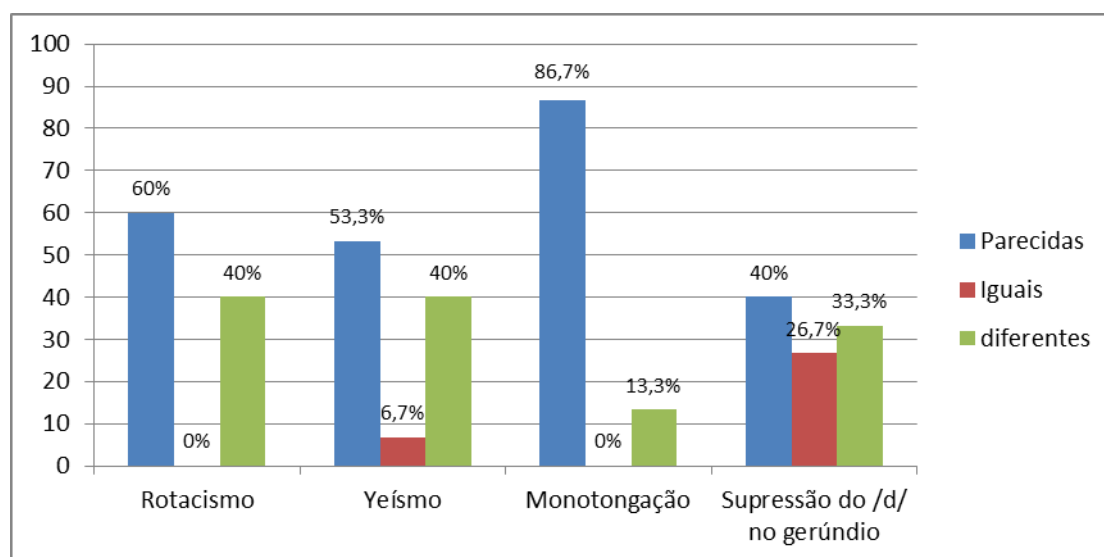


Gráfico 21: Percepção dos alunos do 3º ano do ensino médio quanto à semelhança entre as falas

A partir dos resultados do Gráfico 21, a maioria dos alunos do 3º ano do ensino médio marcou que os pares dos áudios de cada fenômeno eram parecidos. Logo, os informantes com menor grau de escolaridade acharam que a maioria dos áudios, com e sem os

fenômenos, das variantes mais perceptíveis era muito diferentes, os do 9º ano, em termos gerais, também acharam isso, porém em menor porcentagem. Já em relação aos informantes do nível médio, eles acharam que as falas com e sem a utilização da variante padrão, para todos os fenômenos, eram parecidas. Tais resultados não corroboram, em parte, a nossa hipótese inicial, pois acreditávamos que com o aumento da escolaridade dos alunos, estes avaliariam os pares de áudios com cada fenômeno como diferentes.

3.2.1.5 Percepção dos alunos quanto à sentença que se aproxima da sua forma de falar

Uma das perguntas feitas depois da escuta dos dois áudios (com e sem o fenômeno) foi com qual dos áudios a fala dos informantes se aproximava. Vejamos a seguir os resultados obtidos.

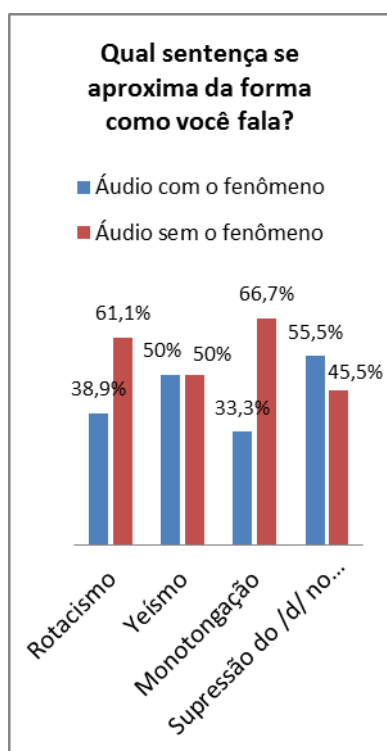


Gráfico 22: Percepção dos alunos do 6º ano quanto à proximidade

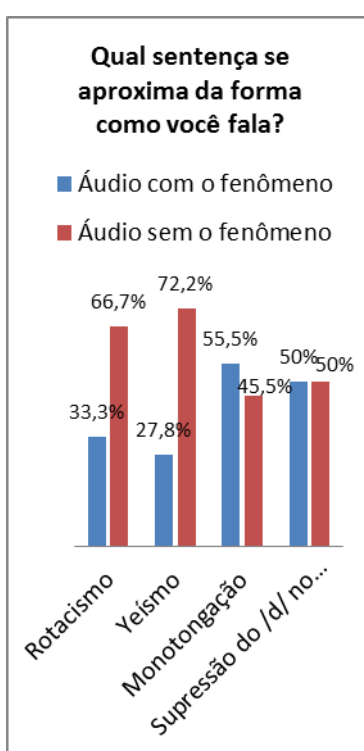


Gráfico 23: Percepção dos alunos do 9º ano quanto à proximidade

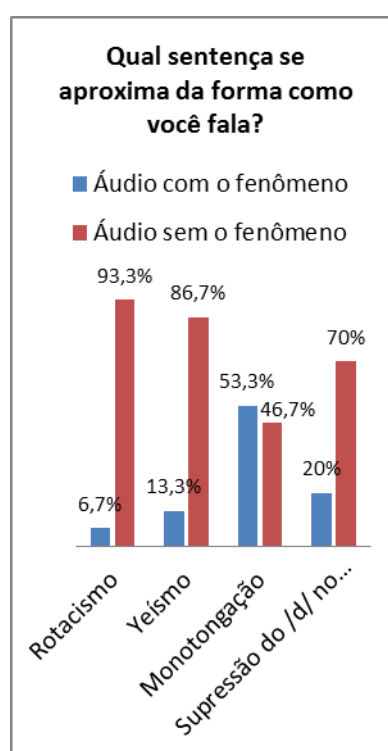


Gráfico 24: Percepção dos alunos do 3º ano do ensino médio quanto à proximidade

Para mais de 60% dos alunos do 6º ano, os áudios com os contextos sem os fenômenos do rotacismo e da monotongação são os que se aproximavam de sua fala. Quanto ao yeísmo, as respostas foram divididas, metade marcou que parecia com o áudio que continha o

fenômeno e a outra sem ele. Em relação à supressão do /d/ no gerúndio, 55% dos alunos marcaram que sua fala se aproximava do áudio com o fenômeno. O único resultado que esperávamos ser diferente é quanto ao fenômeno monotongação, pois, por ser menos perceptível auditivamente, seria escolhido como próximo da fala dos informantes.

Os alunos do 9º ano marcaram que suas falas se aproximavam da forma padrão em relação aos áudios do rotacismo e do yeísmo, conforme o esperado. Para a supressão do /d/ no gerúndio, 50% dos alunos marcaram que se aproximava da variante padrão e a outra metade da variante não padrão. Quanto ao fenômeno da monotongação 55% marcou que sua fala se aproximava do áudio com o fenômeno. Em termos gerais, os resultados confirmam a hipótese aventada.

Já os alunos do 3º ano, a maioria marcou que suas falas se aproximavam da variante padrão em relação aos fenômenos do rotacismo (93,3%), do yeísmo (86,7%) e da supressão do /d/ no gerúndio (70%). Diante dos áudios com o fenômeno da monotongação, 53,3% marcou que sua fala se aproximava do áudio com o fenômeno. Posto isso, percebemos que os informantes marcaram que suas falas se distanciavam das formas não padrão quando se tratava de fenômenos mais estigmatizados e que se aproximavam quando o fenômeno era menos percebido.

3.2.2 Percepção dos alunos quanto à identificação da “melhor” sentença através da audição e da escrita

Para verificar qual a percepção dos alunos quanto à identificação da “melhor” sentença, consideramos os pares de áudios com cada fenômeno (Cf. Apêndice A) e os pares de escrita com cada fenômeno (Cf. Apêndice B). O nosso objetivo, ao verificar tal percepção, foi identificar se há confirmação da nossa hipótese de que os alunos classificariam como “melhor” os fenômenos menos perceptíveis (monotongação e supressão da oclusiva /d/ no gerúndio) e, forma mais expressiva, com o aumento da escolaridade. Além disso, verificar se tal identificação ocorreria de maneira mais expressiva quando se tratava da análise dos contextos escritos. Apresentamos os resultados obtidos em duas subseções: a primeira refere-se à percepção auditiva e a segunda a percepção concernente à escrita.

3.2.2.1 Percepção auditiva dos alunos quanto à identificação da “melhor” sentença

Os alunos foram questionados quanto à identificação da melhor sentença dos pares de áudios com os contextos de cada fenômeno estudado. Vejamos quais as percepções dos alunos a respeito disso.

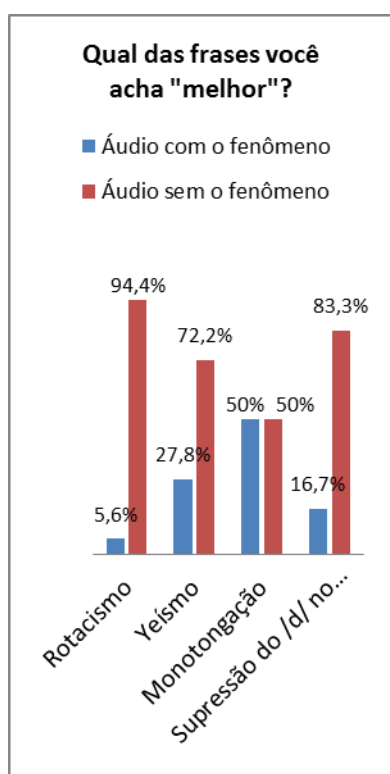


Gráfico 25: Percepção dos alunos do 6º ano quanto à identificação da “melhor” sentença

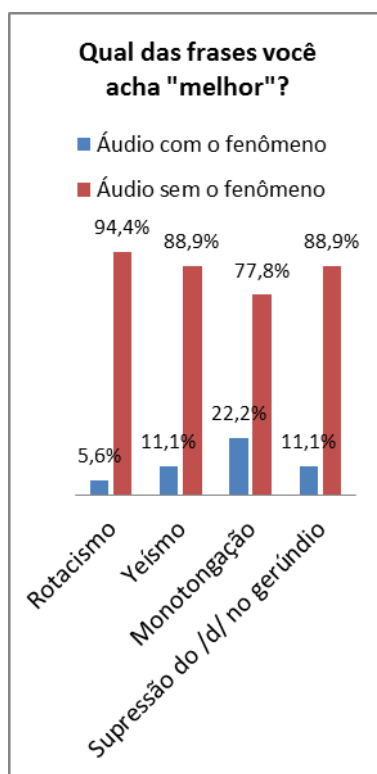


Gráfico 26: Percepção dos alunos do 9º ano quanto à identificação da “melhor” sentença

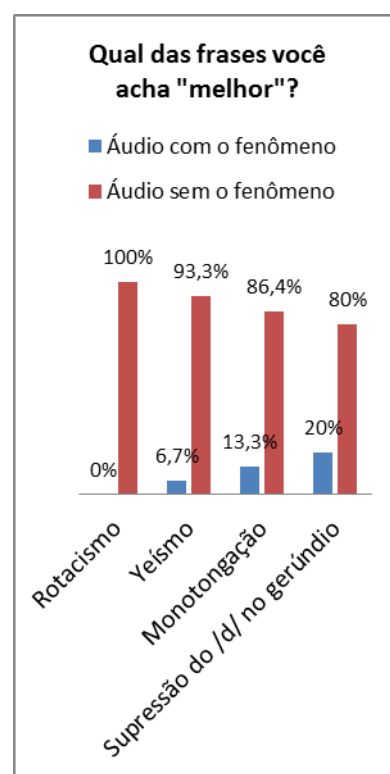


Gráfico 27: Percepção dos alunos do 3º ano do ensino médio quanto à identificação da “melhor” sentença

Quanto à pergunta de qual dos áudios os informantes acharam “melhor”, a maioria dos alunos do 6º ano marcou como melhor os áudios em que apareciam a variante padrão, isso diante do rotacismo, yeísmo e da supressão do /d/ no gerúndio. Tratando-se da monotongação, 50% acharam melhor a variante padrão e 50% a não padrão. Já os alunos do 9º ano, acharam que todos os áudios que não apresentavam os fenômenos eram os “melhores”, chegando a 94,4% para o fenômeno do rotacismo. Os alunos do 3ºano do ensino médio também entenderam como “melhor” os áudios que não continham os fenômenos, alcançando a porcentagem de 100% no rotacismo, visto que ele é um dos mais perceptíveis e estigmatizados.

Esses resultados confirmam a nossa hipótese inicial de que quanto maior a escolaridade dos alunos maior seria a identificação de que os áudios sem a ocorrências dos fenômenos eram os melhores.

3.2.2.2 Percepção dos alunos quanto à identificação da “melhor” sentença na escrita

Na última parte do segundo momento da nossa pesquisa, os alunos receberam um questionário com alguns pares de sentenças escritas envolvendo os fenômenos estudados, sendo que cada par tinha um contexto com a norma padrão e o outro com a variante não padrão, conforme o exemplo a seguir:

(1) Qual das frases você acha melhor?

Sentença I: Andar de bicicleta faz bem pra saúde. ()

Sentença II: Andar de bicicleta faz bem à saúde. ()

Posteriormente, os informantes responderam qual dentre cada par eles achavam “melhor”. Seguem os resultados:

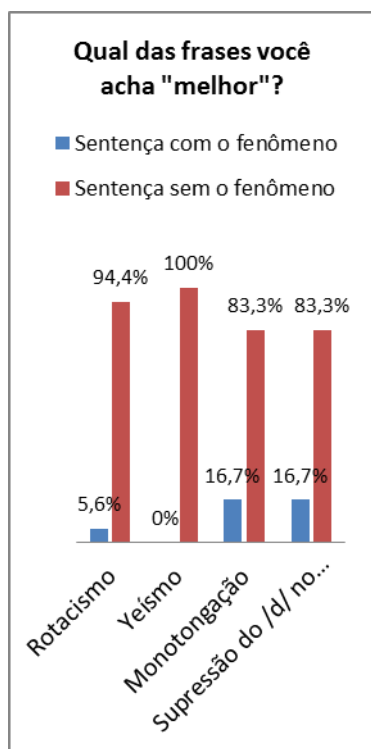


Gráfico 28: Percepção dos alunos do 6º ano quanto à identificação da “melhor” sentença escrita

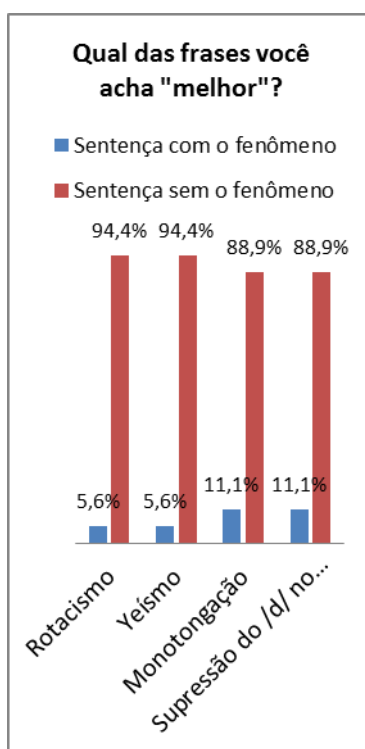


Gráfico 29: Percepção dos alunos do 9º ano quanto à identificação da “melhor” sentença escrita

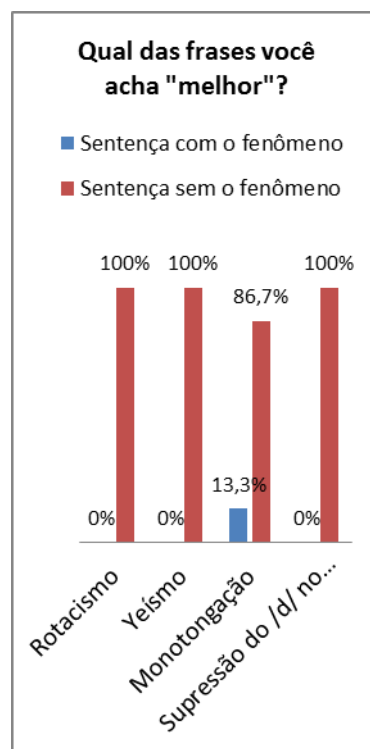


Gráfico 30: Percepção dos alunos do 3º ano do ensino médio quanto à identificação da “melhor” sentença escrita

A maioria dos alunos do 6º ano marcou que as “melhores” frases eram as que não possuíam o fenômeno, tendo um total de 100% para a variante com yeísmo. Para a maioria dos informantes do 9º ano, as “melhores” sentenças também foram as que não ocorriam os fenômenos. Todos os alunos do 3º ano do ensino médio, que tinham o maior grau de escolaridade dentre as turmas que foram entrevistadas, responderam que as sentenças “melhores” eram as que continham a variante padrão, chegando em 100% em três fenômenos (rotacismo, yeísmo e a supressão do /d/ no gerúndio) e em 86,7% para a monotongação.

Correlacionando os resultados, confirmamos, em termos gerais, as hipóteses iniciais.

3.3 CORRELAÇÃO ENTRE PRODUÇÃO E PERCEPÇÃO

A partir da correlação dos resultados entre o que os informantes produziram e a sua percepção diante dos fenômenos, concluímos o seguinte:

Na primeira etapa, como mencionado na seção 3.1.5, os fenômenos mais produzidos foram os menos perceptíveis (a monotongação, com 61,8% e a supressão do d no gerúndio, em menor escala, com 22,7%), e poucas ocorrências para os que são mais estigmatizados (o rotacismo, com apenas 0,7% e o yeísmo com 2,6%) já que estes são mais percebidos, portanto, ao falarem, eles utilizam mais a norma padrão.

Em relação à segunda parte da coleta, concluímos que os informantes, no geral, realmente, têm uma visão negativa dos fenômenos mais perceptíveis, pois mesmo eles produzindo pouco essa variante, os mesmos acreditam que quem a produz são menos inteligentes, que a variante padrão é a melhor, dentre outras questões (expostas nos gráficos da seção 3.2.1.1).

Contudo, foi a partir das respostas dos informantes mediante as perguntas elencadas, que nos levou a acreditar nessa visão preconceituosa e estereotipada dos informantes em quanto à variante não padrão, sobretudo, as mais perceptíveis, pois achar um indivíduo menos inteligente apenas porque ele fala uma determinada variante é questionável. Finalizando, acreditamos que as questões sociais são vistas fortemente sobre os conceitos disseminados de “certo ou errado”, “bonito ou feio” em relação às variantes padrão e não padrão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, objetivou-se investigar a produção e a percepção sociolinguística de estudantes do 6º e 9º ano do fundamental maior e 3º ano do ensino médio, pertencentes à cidade de Itabaiana/SE, quanto aos fenômenos fonológicos do rotacismo, yeísmo, monotongação e assimilação da oclusiva /d/ no morfema de gerúndio. Retomamos aqui, de forma sumária, os resultados obtidos bem como o que discutimos em cada um dos capítulos deste trabalho.

No primeiro capítulo, delineamos a abordagem teórica adotada para o desenvolvimento do presente estudo. Apresentamos neste uma visão geral sobre a relação existente entre língua, sociedade e variação linguística. Na sequência abordamos os principais aspectos da Sociolinguística Variacionista, discutimos sobre o valor social das variedades linguísticas e sobre a noção de percepção sociolinguística, respectivamente. Expomos também sobre cada fenômeno linguístico focalizado neste estudo. Constatamos que a maioria das gramáticas não faz remissão aos fenômenos focalizados, apenas Faraco e Moura (2013), que abordam de maneira superficial trazendo um exemplo sobre o rotacismo e o yeísmo, e Coutinho (1982) que menciona o fenômeno da assimilação da oclusiva /d/ no morfema de gerúndio.

No segundo capítulo, discorremos sobre os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento desta pesquisa. Fizemos uma descrição geral da cidade de Itabaiana/SE e do colégio público escolhido para a realização da coleta de dados, bem como o procedimento seguido para constituir o corpus, as variáveis extralinguísticas controladas e a natureza da análise.

No terceiro capítulo, discutimos e analisamos os resultados obtidos. Ao analisarmos, através de áudios e questionários, a percepção linguística de alguns alunos, do Colégio Estadual Murilo Braga, em relação aos fenômenos linguísticos da nossa língua, pudemos comprovar que as variantes “não padrão” mais salientes (rotacismo e yeísmo) foram menos utilizadas pelos falantes e correlacionadas à valoração negativa. Estes fenômenos foram pouquíssimos pronunciados, na primeira fase da nossa coleta, até mesmo pelo fato deles serem bastante perceptíveis e estereotipados, já os fenômenos da monotongação e da supressão do /d/ nos gerúndios tiveram maiores ocorrências, as percepções desses fenômenos são menores e assim se tornam menos estigmatizados. Dentre os fenômenos mais

pronunciados, a monotongação teve seu maior índice para os alunos do 6º ano, tanto meninas quanto meninos pronunciaram em mais de 50%, sendo que os meninos pronunciaram mais e, para o fenômeno da supressão do /d/ nos gerúndios, foram os alunos 3º ano do ensino médio que mais pronunciaram, as meninas mais do que os meninos.

A partir dos questionários e dos áudios que os informantes ouviram, pudemos identificar que há toda uma questão social que pode estar mascarada no preconceito linguístico, pois muitos alunos disseram que achavam mais inteligentes, mais formais e mais escolarizados os falantes que não pronunciavam a ocorrência do fenômeno. Além disso, as falas que eles caracterizavam como melhores e as que mais se aproximavam da fala deles eram as que continham a norma padrão, ou seja, alguns até pronunciaram os fenômenos, mas preferem assumir como suas falas a variante vista como a mais “bonita” e a “melhor”. Se para a sociedade a variante não padrão é vista como deturpadora do nosso português, é provável que muitos se distanciem dela, por ela não ser bem vista aos olhos de quem tem dinheiro e poder, principalmente, pois a língua também é um fator de ascensão social (o mito nº8 escrito por Bagno (2009a)).

Longe de querermos banir a norma padrão, o que almejamos é o não preconceito linguístico, o não preconceito social, cada um fala do modo que aprendeu a falar, de acordo com a variante linguística da sua comunidade e não é por não pertencer à norma padrão da língua que essa variedade deixará de fazer parte das diversas variedades que juntas constituem o português brasileiro. Como citamos ao longo deste trabalho, “a língua é formada por variedades”, não é a gramática normativa que é a nossa língua brasileira, esta é de fato a nossa fala em uso, pois é ela que demonstra a língua portuguesa brasileira como ela é.

Em sala de aula, podemos abordar a variação linguística a partir da História da formação da população brasileira (fazendo uma interdisciplinaridade), mostrando o quanto nossos povos são diferentes, possuem culturas diversificadas mesmo morando em um mesmo país e, conseqüentemente, o modo de falar faz parte dessa pluricultura existente aqui no Brasil. Precisamos enfatizar que são naturais essas variações no modo de falar, além, é claro, das outras questões que condicionam essa escolha ou a ocorrência dos fenômenos linguísticos. Vale ressaltar que o presente trabalho pode contribuir para uma reflexão sobre o valor social da variação linguística. Além disso, o desenvolvimento da presente pesquisa contribui para a descrição do português falado no agreste sergipano, visto que se trata de uma pesquisa inédita neste âmbito na região. Outros estudos podem ser desenvolvidos nesse âmbito a fim de expandir as discussões feitas aqui.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALKMIM, T. M. Sociolinguística – parte I. In: MUSSALIM, F; BENTES, A C. (orgs.) **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2012.

ALMEIDA, B. K. M; ARAÚJO, A. A; SILVA, F. G. R. **A supressão do gerúndio no Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul: uma fotografia variacionista**. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/cadernoseminal/article/view/16948>>. Acessado em: 06. abr. 2017.

AMARAL, F. **Restrições que norteiam a produção do gerúndio no nordeste: confronto entre Paraíba e Pernambuco**. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/PDF/Fernando%20Jos%C3%A9%20do%20Amaral%20-%20ok.pdf>. Acessado em: 07. abr. 2017.

ARAÚJO, A. S.; BARRETO, E. A.; CARVALHO, E. S. S.; FREITAG, R. M. K. Vamos plantar flores no grobo da terra: estudando o rotacismo nas series iniciais da rede municipal de ensino de Moita Bonita/SE. **RevLet – Revista Virtual de Letras**, v.2, p.17 – 31, 2010.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística na sala de aula**. 3ª Ed. São Paulo: Parábola Editora, 2007.

_____. **A língua de Eulália: Novela sociolinguística**. 16. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. **Preconceito linguístico**. São Paulo: Editora Loyola, 2009a.

_____. **Não é errado falar assim! Em defesa do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2009b.

BARBOSA, K. L. **O rotacismo e a Monotongação no Povoado Lagoa das Esperas em Ribeirópolis/SE**. Itabaiana, 2014. 33f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, 2014.

BECHARA, E. **Gramática escolar de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. 6ª Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____. **Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística & Educação**. São Paulo: Parábola, 2005.

CALLOU, D.; LEITE, Y. **Iniciação à Fonética e Fonologia**. Rio: Jorge Zahar Editor, 2009.

CÂMARA JR. J. M. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

CARDOSO, D. P. **Atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros**. São Paulo: Blucher, 2015.

CEZARIO, M. M; VOTRE, S. J. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M. E. (org). In: **Manual de Linguística**. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2011.

COUTINHO, I. de L. **Gramática histórica**. Rio de Janeiro: Ao livro técnico S/A – Indústria e Comércio, 1982.

CRISTÓFARO, T. S. **Fonética e Fonologia do Português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2007.

DIDA, K. S. **Diferença não é deficiência**: o tratamento do rotacismo na fala e na escrita de alunos do ensino fundamental. Itabaiana, 2014. 59f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, 2015.

FARACO, C. A. **Norma-padrão brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

FARACO, C. E.; MOURA, F. M. **Gramática**. São Paulo: Ática, 2003.

Freitag, R. M.Ko.; (Re)Discutindo Sexo/Gênero na Sociolinguística. In: FREITAG, R. M. Ko; SEVERO, C. G. **Mulheres, Linguagem e Poder-Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira**. São Paulo: Editora Edgard Blücher, p.17-74, 2015.

FREITAG, R. M. Ko.; SANTOS, A. de O. "Percepção e atitudes linguísticas em relação às africadas pós-alveolares em Sergipe". In: LOPES, N. da S.; ARAÚJO, S. S.de F.; FREITAG, R. M. Ko (orgs.). **A Fala Nordestina: entre a sociolinguística e a dialetologia**. São Paulo: Blucher, 2016. p. 109-122. ISBN: 9788580392173, DOI 10.5151/9788580392173-06.

GOMES, A. M. **A influência da oralidade na escrita**: uma análise sociolinguística sobre as redações escolares de uma escola pública do Distrito Federal. 2008. 2015f. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade de Brasília, 2008.

HENRIQUE, P. F. de L.; HORA, D. da. Da fala à escrita: a monotongação de ditongos decrescentes na escrita de alunos do 3º ao 5º ano do ensino fundamental. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 108-121, jan./jun., 2013. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/viewFile/13405/10095>. Acesso em: 07 abr. 2017.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

OUSHIRO, L. **Identidade na pluralidade**: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo. 2015. 394f. (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade de São Paulo Universidade de São Paulo, 2015.

SAID ALI, M. **Gramática histórica da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. **Goldvarb X**: A variable rule application for Macintosh and Windows. Department of Linguistics of University of Toronto, Department of Mathematics - University of Ottawa, 2005.

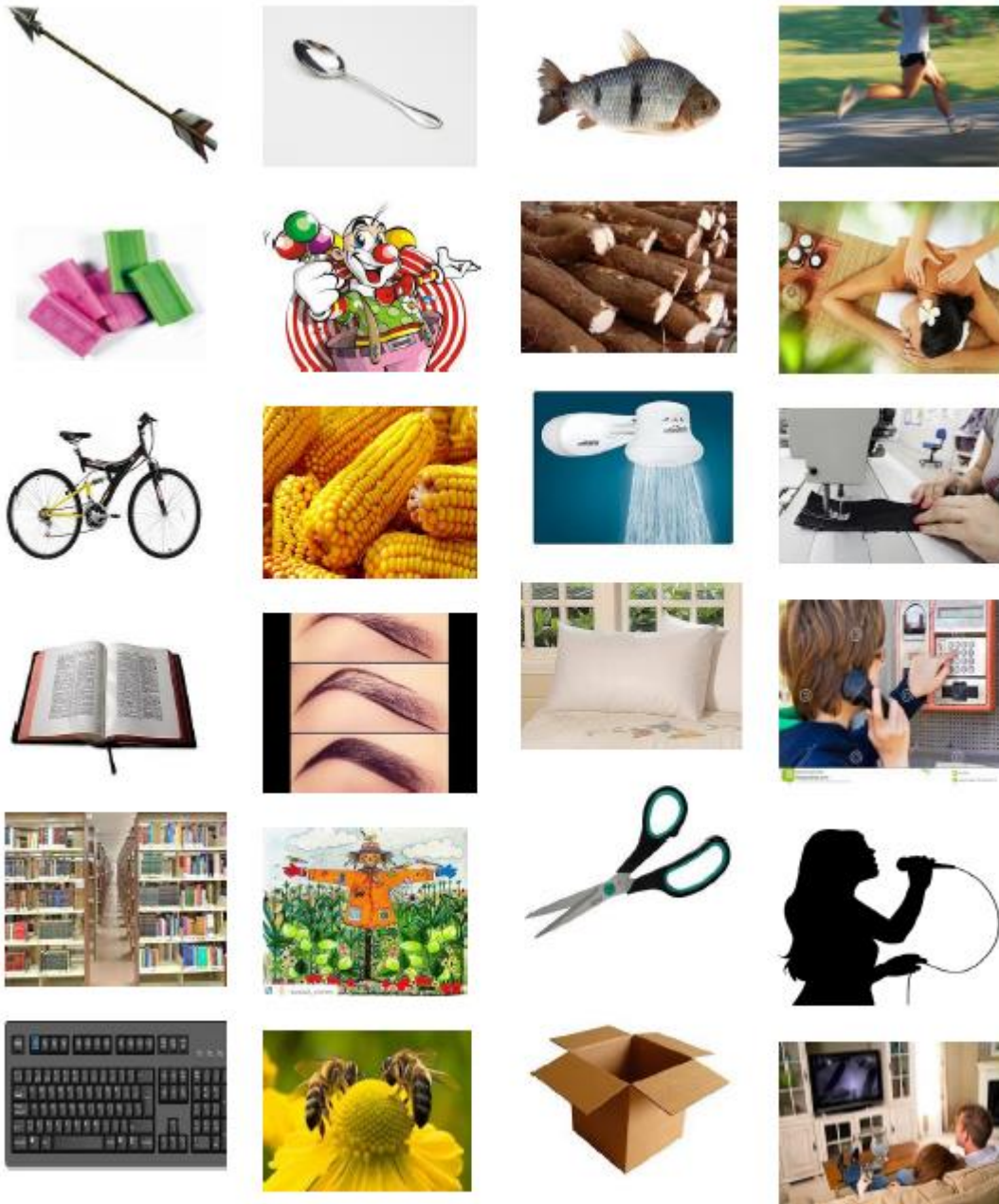
SANTOS, K. B. **Análise variacionista da vocalização da lateral palatal em Papagaios-MG**. 2012. 77f. Tese (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Curso de Pós-graduação em estudos linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

SCHERRE, M. M. P. **Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito**. 2ª Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1985.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006.

ANEXOS

ANEXO A – Imagens utilizadas para a realização do ditado mudo

APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário percepção auditiva¹⁰

Contextos gravados:

- a) Com quem Rafael está namorando x Com quem Rafael está namorando.
- b) Alice, já passa das 7h, hoje você não vai trabalhar? X Alice, já passa das 7h, hoje você não vai trabalhar?
- c) Organize seu quarto! Troque as fronhas do travesseiro! X Organize seu quarto! Troque as fronhas do travesseiro!
- d) Gosto de ter plantas em casa! x Gosto de ter plantas em casa!

1. Para você, esta pessoa parece:

	Pouco	Muito	Bastante
Escolarizada			

2. Para você, esta pessoa parece:

	Pouco	Muito	Bastante
Formal			

3. Para você, esta pessoa parece:

	Pouco	Muito	Bastante
Inteligente			

4. Indicar o quão semelhantes ou diferentes as frases lhe parecem:

Igual	Parecidas	Muito diferentes

5. Marque a sentença que se aproxima da forma como você fala:

Áudio 1 ()

Áudio 2 ()

6. Qual das frases você acha melhor?

Áudio 1 ()

Áudio 2 ()

¹⁰ Adaptado de Oushiro (2014).

APÊNDICE B – Questionário percepção da escrita**1. Qual das frases você acha melhor?**

Sentença I: Andar de bicicleta faz bem pra saúde. ()

Sentença II: Andar de bicicleta faz bem à saúde. ()

2. Qual das frases você acha melhor?

Sentença I: Alice, já passa das 7h, hoje você não vai trabaia?! ()

Sentença II: Alice, já passa das 7h, hoje você não vai trabalhar?! ()

3. Qual das frases você acha melhor?

Sentença I: Organize seu quarto! Troque as fronhas do travessero! ()

Sentença II: Organize seu quarto! Troque as fronhas do travesseiro! ()

4. Qual das frases você acha melhor?

Sentença I: Paulo estuda História. E você? O que está fazeno? ()

Sentença II: Paulo estuda História. E você? O que está fazendo? ()